

PROCESSOS DA SUBJETIVIDADE SOCIAL BRASILEIRA RELACIONADOS AO
CONSUMO E AO ENDIVIDAMENTO: UM OLHAR CONTEMPORÂNEO SOB A
EXPERIÊNCIA DE UMA PROFISSIONAL AUTÔNOMA

Elaine Almeida Figueira

BRASÍLIA-DF
2023

ELAINE ALMEIDA FIGUEIRA

PROCESSOS DA SUBJETIVIDADE SOCIAL BRASILEIRA RELACIONADOS AO
CONSUMO E AO ENDIVIDAMENTO: UM OLHAR CONTEMPORÂNEO SOB A
EXPERIÊNCIA DE UMA PROFISSIONAL AUTÔNOMA

Projeto de Dissertação de Mestrado Acadêmico apresentado ao Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento na Área da Saúde, do Centro Universitário de Brasília/UniCEUB, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Valéria Deusdará Mori.

BRASÍLIA-DF
2023

Banca Examinadora

Profa. Dra. Valéria Deusdará Mori

Prof. Dr. Márcio Moreira

Profa. Dra. Laura Frade

Agradecimentos

Agradeço à Ana Sylvia Mascarenhas Baioni, Ana Molina e Fernanda Ferreira, psicólogas extraordinárias que estão comigo nesta jornada incrível de autoconhecimento e descobertas do mundo das emoções, do conhecimento e da ciência.

Resumo

O consumo e endividamento são fenômenos sociais que permeiam o interesse científico de áreas correlacionadas como a psicologia, antropologia e ciências econômicas. O estudo a seguir tem por objetivo compreender tais fenômenos à luz da Teoria da Subjetividade, investigando os sentidos e configurações subjetivas presentes na subjetividade social enredadas na relação entre consumo e endividamento. A escolha da participante ocorreu após os atendimentos da pesquisadora como coach de finanças e seu convite para a colaboração em sua dissertação de mestrado. A escolha da pesquisadora se justifica frente às vivências relatadas pela participante sobre seus processos de consumo e endividamento, os desafios enquanto profissional autônoma e o impacto de relações sociais significativas em sua experiência financeira. Para a coleta de dados, foram empregados os instrumentos da dinâmica conversacional e o complemento de frases. As informações reunidas foram analisadas a partir da Epistemologia Qualitativa e a Metodologia Construtivo-Interpretativa, que evidenciaram a relevância de se pensar os processos de consumo e endividamento considerando a complexa produção de sentidos e dimensões subjetivas associadas a esses aspectos, superando vieses generalistas e dicotômicos sobre os temas.

Palavras-chave: consumo; endividamento; subjetividade.

Abstract

Consumption and indebtedness are social phenomena that permeate the scientific interest of correlated areas such as psychology, anthropology and economic sciences. The following study aims to understand such phenomena in the light of the Theory of Subjectivity, investigating the meanings and subjective configurations present in social subjectivity entangled in the relationship between consumption and indebtedness. The choice of the participant occurred after the researcher's appointments as a finance coach and her invitation to collaborate on her master's thesis. The researcher's choice is justified in view of the experiences reported by the participant about her consumption and indebtedness processes, the challenges as an autonomous professional and the impact of significant social relationships on her financial experience. For data collection, conversational dynamics instruments and sentence complements were used. The gathered information was analyzed based on Qualitative Epistemology and the Constructive-Interpretative Methodology, that evidenced the relevance of thinking about consumption and indebtedness processes, considering the complex production of meanings and subjective dimensions associated with these aspects, overcoming generalist and dichotomous biases on the themes.

Keywords: consumption; indebtedness; subjectivity.

Sumário

1. Introdução.....	8
2. Objetivos.....	15
2.1 <i>Objetivo geral</i>	15
2.2. <i>Objetivos Específicos</i>	15
3. Fundamentação Teórica.....	16
3.1 <i>A Teoria da Subjetividade dialogando com o consumo</i>	16
3.2 <i>O Endividamento no Brasil: breves definições, teorias e considerações</i>	25
4. Princípios Epistemológicos e Metodológicos.....	31
4.1 <i>A Epistemologia Qualitativa</i>	31
4.2 <i>A Metodologia Construtivo-Interpretativa</i>	32
4.3 <i>Participante</i>	35
4.4 <i>Construção Social do Cenário de Pesquisa</i>	36
4.5 <i>Instrumentos</i>	38
5. O processo de Construção da Informação.....	41
5.1 <i>A família como um espaço de produção dominante de sentidos</i>	41
5.2 <i>Criando pontes para a emergência do sujeito</i>	55
5.3 <i>Autorreferência para trilhar novos caminhos</i>	71
6. Considerações Finais.....	83
Referências Bibliográficas.....	86
APÊNDICES.....	90
Apêndice A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....	90
APÊNDICES.....	92
Apêndice B – COMPLEMENTO DE FRASES.....	92
ANEXOS.....	94
Anexo A – TESTE DE CONSUMO CONSICENTE (TCC) – AKATU (2018).....	94

1. Introdução

Essa pesquisa tem como objetivo compreender processos da subjetividade social brasileira relacionados ao consumo e ao endividamento na experiência de uma profissional autônoma, buscando identificar diferentes configurações subjetivas que se expressam diante do consumo e do endividamento, além de discutir e explorar de que maneira a relação entre o consumo e o endividamento está interligada a aspectos da subjetividade social na experiência da participante em questão.

O empenho em desenvolver esse projeto de pesquisa foi inspirado pela minha caminhada profissional e acadêmica, que se constituiu por experiências como Psicóloga e *Coach* de Finanças e Carreiras, além de um histórico de atuação na área de Marketing e Gestão de Pessoas em uma Instituição Bancária, que se perdura há mais de vinte anos. Essas vivências acabaram por propiciar um cenário favorável ao interesse no tema desenvolvido, e trouxeram à tona a determinação para discutir, de modo aprofundado, os fenômenos do consumo e do endividamento a partir de uma perspectiva integralizada, acrescentando para o campo científico uma visão contemporânea e relevante sobre tais aspectos.

A escolha da Teoria da Subjetividade, proposta por González Rey (1995, 2003a, 2003b), da Epistemologia Qualitativa e da Metodologia Construtivo-Interpretativa, igualmente de González Rey (1996, 2001, 2003b, 2006a; González Rey & Mitjáns-Martínez, 2017), para a construção da presente dissertação, se baseou principalmente na inquietude que me acompanhou ao longo da minha formação em Psicologia, onde senti a necessidade de encontrar uma abordagem psicológica que abarcasse profundamente a complexidade da subjetividade humana.

Necessidade esta que pode ser transposta a partir do pensamento revolucionário de González Rey, onde o estudo da subjetividade humana é concebido

em sua complexidade e demanda uma nova forma de discutir o processo de produção de conhecimento que conseqüentemente se desdobra em um modo diferenciado de metodologia de pesquisa qualitativa e de trabalho profissional (Mitjans-Martínez, Neubern & Mori, 2014).

É a partir desse panorama que busco compreender processos da subjetividade social brasileira relacionados ao consumo e ao endividamento na experiência de uma profissional autônoma, uma vez que a Teoria da Subjetividade propõe uma abordagem histórico-cultural que supera vieses teóricos e metodológicos universalizantes e pré-concebidos. Ressalto que essa temática dentro da Teoria da Subjetividade é algo vigente, apesar de já existirem discussões voltadas para os sentidos subjetivos constituídos no âmbito do trabalho, do empreendedorismo e da administração (Vervloet & Palassi, 2011; Silveira & Palassi, 2011; Ferreira & Nogueira, 2013; Silva & Capelle, 2013).

No entanto, a discussão sobre esses aspectos em outras áreas do conhecimento já não é tão recente assim, sendo o tema do consumo, por exemplo, um debate considerado extremamente relevante e que se faz presente em diversos países. Em 2010, o World Watch Institute (WWI), responsável por uma das mais importantes publicações mundiais sobre sustentabilidade, lançou um relatório com dados a respeito do consumo global. Só em 2006, os 65 países com maior renda, que somam 16% da população mundial, foram responsáveis por 78% dos gastos em bens e serviços. Somente a população americana, com apenas 5% da população mundial, foi responsável por 32% do consumo global.

Mesmo considerando um padrão de consumo médio, equivalente ao de países como Tailândia ou Jordânia, isso ainda não seria suficiente para atender igualmente todos os habitantes do planeta. O relatório concluiu, portanto, que sem

uma mudança cultural que valorize a sustentabilidade e não o consumismo, não haverá esforços governamentais ou avanços tecnológicos capazes de salvar a humanidade dos riscos ambientais e das mudanças climáticas.

No Brasil, a Akatu, organização sem fins lucrativos pioneira em sensibilização, mobilização e engajamento da sociedade para o consumo consciente, publicou em 2018 o *Panorama do Consumo Consciente no Brasil: desafios, barreiras e motivações*. A partir do Teste do Consumo Consciente – TCC (Anexo I) – ferramenta criada em 2003 que avalia o grau de consciência de pessoas ou comunidades no consumo e oferece caminhos para que todos possam se tornar consumidores mais conscientes – a pesquisa analisou o quanto algumas atitudes fazem parte da rotina dos entrevistados, além dos hábitos de compras deles.

O grau de consciência dos consumidores brasileiros foi dividido nos seguintes perfis: indiferente, iniciante, engajado e consciente. Foram avaliados 13 comportamentos de consumo consciente na pesquisa que serviram de base para os resultados relativos à consciência no consumo. Considerou-se: “indiferentes” aqueles que aderiram a até 4 comportamentos, “iniciantes” de 5 a 7, “engajados” de 8 a 10 e “conscientes” de 11 a 13.

De modo geral, apesar do crescimento significativo no segmento do consumidor “iniciante” (de 32%, em 2012, para 38%, em 2018), a pesquisa ainda aponta que são 76% os menos conscientes (“indiferentes” e “iniciantes”) em relação ao consumo, e que o maior nível de consciência tem viés de idade, de qualificação social e educacional: 24% dos mais conscientes têm mais de 65 anos, 52% são da classe AB e 40% possuem ensino superior.

Tanto os dados globais, quanto os dados específicos do contexto brasileiro, recorrem à dimensão social e individual para entender os processos de consumo: o

primeiro estudo busca evidenciar a mudança da cultura da sociedade como forma de diminuir os efeitos drásticos do consumo excessivo, e a pesquisa seguinte retrata as ações individuais que podem ser consideradas como mais ou menos conscientes na hora de se atuar em prol da sustentabilidade; nos dois casos, o endividamento acaba emergindo como uma das consequências dessa configuração de consumo.

Em 2013, 62,5% das famílias brasileiras estavam endividadas, 21,2% com contas em atraso, e 6,9% não tinham condições de pagar suas dívidas. Em 2014, houve uma pequena e quase insignificante redução no número de pessoas que relataram ter alguma dívida de 0,8%, sendo que este número ainda é muito elevado, alcançando um patamar de 61,9% das famílias brasileiras. Segundo a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC), da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), publicada pela FECOMERCIO-SP (2014), averigua-se que entre as dívidas relatadas pelas famílias brasileiras, a maior delas é o cartão de crédito com 75,3%, seguida dos carnês (17,0%), financiamentos de veículos (13,8%) e casa própria (7,8%).

No entanto, ainda de acordo com os dados da PEIC, também publicados pela FECOMERCIO-SP (2016), no período de janeiro de 2014 até junho de 2016, a crise econômica do Brasil produziu uma forte contração na massa de rendimentos das pessoas, com uma perda estimada média de R\$ 4,4 bilhões ao mês (R\$ 52,6 bilhões em termos anuais) no final desse período.

O total do endividamento do conjunto das famílias brasileiras impôs um custo ao orçamento doméstico de cerca de R\$ 174 bilhões ao longo do 1º semestre de 2016, apenas a título de pagamentos de juros. Esse expressivo volume de despesa se refletiu em um saldo de dívidas em atraso ao redor de R\$ 93 bilhões ao final desse período.

A conjunção de crise econômica com elevação das incertezas dos consumidores, maior seletividade do sistema financeiro e altas taxas de juros, levou as famílias a reduzirem fortemente a tomada de crédito nesse período, comprometendo o seu consumo de bens duráveis e gerando recessões de vendas na história do comércio varejista.

Porém, dados da PEIC, reunidos no contexto da pandemia da COVID-19, apontam que 71% das famílias brasileiras estão endividadadas atualmente: o percentual de famílias com dívidas ou com contas em atraso aumentou pelo terceiro mês consecutivo. O levantamento ressalta ainda que entre os endividados, 10,9% relatam que estão “muito endividados” e, portanto, não terão condição de pagar a dívida. Já 25% das famílias dizem que se encontram “mais ou menos endividadadas”, enquanto 31% afirmam estar com poucas dívidas (Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo – CNC, 2021).

Para as famílias com renda de até dez salários-mínimos, o percentual de pessoas com dívidas saltou de 70,7% para 72,6% em julho, quando comparado com o mês anterior, renovando a máxima histórica registrada pela confederação. Em julho de 2020, 69% das famílias nessa faixa de renda estavam endividadadas. Para as famílias com renda acima de dez salários-mínimos, a pesquisa mostra também que a proporção do endividamento alcançou o recorde, com incremento de 65,5% para 66,3% em julho.

O endividamento para esse grupo veio alcançando níveis recordes mensalmente desde fevereiro de 2021, principalmente em função das consequências da pandemia — desemprego, aumento da mortalidade, contexto econômico e político instável e sobrecarga dos sistemas de saúde público e privado — que intensificou de modo expressivo esse aumento. A pesquisa mais recente da PEIC mostra que 77,9% das famílias estavam endividadadas em 2022, percentual recorde de série iniciada em

2011, com alta de 7 p.p. (pontos percentuais) e 14 p.p. frente a 2021 e 2019, respectivamente (Agência Brasil, 2023).

A inadimplência também bateu recorde e chegou a 28,9%. Isso quer dizer que a cada dez famílias, três atrasaram algum pagamento em 2022, segundo a pesquisa. O número é 3,7 pontos percentuais maior do que o registrado em 2021. Para o CNC, há três motivos principais para essa alta no endividamento: efeito da pandemia sobre o emprego e fechamento dos negócios retomada do consumo reprimido com as medidas para contenção da transmissão da COVID-19 inovações em métodos de pagamento, como o PIX (Agência Brasil, 2023).

Diante desses apontamentos, percebe-se que o consumo e o endividamento trazem à tona problemáticas capazes de afetar a vida das pessoas de modo concreto, e é nesse espaço que compreender processos da subjetividade social brasileira relacionados ao consumo e ao endividamento se torna um processo fundamental, pois coloca nesse cenário a complexidade necessária para ampliar as possibilidades de se pensar e intervir em tais contextos.

Sob esse panorama geral, tem-se aqui uma pesquisa com enfoque epistemológico-qualitativo, considerando a metodologia construtivo-interpretativa de González Rey (1996, 2001, 2003b, 2006a; González Rey & Mitjans-Martínez, 2017) onde será apresentado um estudo de caso realizado com uma participante do gênero feminino, com idade entre 40 e 50 anos, com renda de aproximadamente de R\$ 10.000,00 (dez mil reais) mensais, formação acadêmica em nível de especialização *lato sensu*, sendo uma profissional ativa em sua área de formação acadêmica.

Essa escolha está relacionada à minha experiência atuando especificamente como *Coach* de Finanças e Carreiras, pois através dessa atuação foi possível observar nos últimos anos um crescente comportamento de consumo nas mulheres,

que culmina muitas vezes no endividamento.

A primeira parte da dissertação dedica-se a apresentar a literatura já existente a respeito do consumo e do endividamento e discuti-la, tendo como norte as categorias de sentido da Teoria da Subjetividade, em especial, as categorias de *sentido subjetivo, configuração subjetiva e subjetividade social*.

A segunda aborda os pressupostos epistemológicos e metodológicos norteadores da pesquisa, trazendo 1) os princípios da epistemologia qualitativa; 2) informações sobre a participante; 3) o processo de construção do cenário social de pesquisa e; 3) o instrumento utilizado no trabalho.

A terceira se constitui como uma parte importante e significativa da dissertação, na qual se dá a análise e a discussão do caso, a partir da construção e definição de indicadores que se desenvolvem e culminam no modelo teórico defendido como resultado do estudo realizado.

Seguem-se ainda, as considerações finais, elaboradas com o intento de destacar os principais aspectos, reflexões e contribuições levantadas ao longo da pesquisa.

2. Objetivos

2.1 Objetivo geral

- Compreender processos da subjetividade social brasileira relacionados ao consumo e ao endividamento na experiência de uma profissional autônoma.

2.2. Objetivos Específicos

- Identificar diferentes configurações subjetivas que se expressam diante do consumo e do endividamento na experiência de uma profissional autônoma;
- Explorar como a relação entre o consumo e o endividamento está interligada a aspectos da subjetividade social na experiência de uma profissional autônoma.

3. Fundamentação Teórica

3.1 A Teoria da Subjetividade dialogando com o consumo

Bauman (2008, p. 37) foi um autor importante para discutir questões contemporâneas a respeito do **consumo**, o definindo como “uma condição, e um aspecto, permanente e irremovível, sem limites temporais ou históricos; um elemento inseparável da sobrevivência biológica que nós humanos compartilhamos com todos os outros organismos vivos”. Assim, ao considerar essa definição, entende-se que o consumo é um dos pilares da própria existência humana e se correlaciona intimamente com as nossas formas de estar e permanecer no mundo.

Além disso, Bauman (2008, p. 38) ainda evidencia que “por toda a história humana, as atividades de consumo ou correlatas (produção, armazenamento, distribuição e remoção de objetos de consumo) ofereceram suprimento constante de ‘matéria-prima’ a partir da qual uma variedade de formas de vida e padrões de relações inter-humanas pôde ser moldada, e de fato o foi, com a ajuda da inventividade cultural conduzida pela imaginação”. Logo, o consumo, enquanto atividade humana, não deve ser reduzido a uma experiência exclusivamente mecânica de sobrevivência, mas sim em um processo que se situa em uma temporalidade histórica onde o contexto social, cultural, político e econômico se inter-relacionam, criam e recriam formas subjetivas de consumir.

Para trazer profundidade para essa afirmação, González Rey (2006b, p. 129) traz um novo olhar sobre o termo **subjetividade**, ao descrevê-lo como sendo “uma opção de significação para processos de uma qualidade singular, em cuja definição intervém a qualidade do sujeito que os produz”, qualidade essa significada a partir de “uma expressão simbólico-emocional, que caracteriza a produção psíquica nos diferentes espaços e áreas da vida humana”.

Para González Rey e Patiño (2017, p. 123) “ao contrário do subjetivismo, a subjetividade nos permite uma concepção da mente que é inseparável da história, da cultura e dos contextos atuais da vida social humana (...) e surge quando a emoção se torna sensível a registros simbólicos, permitindo ao homem uma produção sobre o mundo em que vive, e não simplesmente uma adaptação a ele”. Nesse sentido, pode-se compreender como os modos de consumo foram e continuam sendo constantemente alterados, uma vez que esses modos de consumo fazem parte do universo das construções humanas, estas que se modificam em uma continuidade incessante.

Um dos marcos dessas mudanças se constituiu principalmente com o advento do sistema capitalista de produção, que aperfeiçoou os processos de obtenção de matérias-primas e a comercialização dos bens materiais, difundindo o entendimento de que comprar é fundamental para o aumento da qualidade de vida e do *status* social, e tamanho avanço econômico implicou na cristalização do consumo excessivo, bem como promoveu inúmeras desigualdades sociais (Silva & Flain, 2017). Bauman (2008, pp. 37-38) sugere chamar esse processo de “revolução consumista”, com a passagem do consumo para o “consumismo”.

Mas para além disso, consumir também se tornou uma forma de expressão. Campbell (2007, p. 27) relata que o consumismo, então, tornou-se “especialmente importante, se não central” para a vida da maioria das pessoas, “o verdadeiro propósito da existência”. É quando de fato a “nossa capacidade de querer, desejar, ansiar por e particularmente de experimentar tais emoções repetidas vezes passou a sustentar a economia” do convívio humano. O autor, então, indica quatro motivações principais para o consumo:

- Busca da satisfação de necessidades diretamente ligadas à funcionalidade dos

produtos;

- Busca de prazer emocional sem papel de comunicação social;
- Busca de prazer emocional por meio do uso das mercadorias/marcas como comunicadores sociais (estariam ligadas às motivações mais específicas de comunicar *status* – seja no intuito de “distinção” visando à “competição” com alguém, ou de “inserção” visando ao “reconhecimento” de alguém);
- E ainda, de comunicar mensagens a outras pessoas sem objetivos de competição ou ingresso em um grupo.

A primeira motivação, significaria consumir buscando predominantemente usufruir as funções para as quais os bens em questão foram originalmente criados (a compra de um refrigerador, porque este congela mais rapidamente os alimentos). A segunda, seria através da vontade do consumidor vivenciar uma “emoção” por meio da compra de uma mercadoria; essa emoção poderia ser vivenciada pelo prazer emocional sensorial (cita-se o comportamento de escolher, para matar a fome, um cardápio variado e com grandes quantidades de alimento, em vez de qualquer outra coisa mais simples e em porções menores) e pelo prazer emocional imaginativo, este que, de acordo com Bragaglia (2010), pode ser expresso através de seis maneiras distintas:

- Consumidor comprando determinado produto principalmente porque ele o faz recordar episódios prazerosos;
- Consumidor escolhendo a mercadoria principalmente pelo prazer de experimentar gostos e preferências, ou comunicá-los a alguém sem intenção de afirmar posição social (*status*) ou obtê-la, além de simbolizar a nova fase de vida em que está entrando;
- Consumidor lançando-se ao consumo das mais variadas “novidades” para

compensar problemas que o importunam;

- Consumidor lançando-se à mesma onda de consumo principalmente no intuito de viver a ilusão de que tudo está bem, quando, na verdade, está exercendo uma espécie de fuga dos problemas pelo consumo;
- Consumidor comprando pelo interesse em comunicar certa mensagem aos “outros”, especificamente, sendo tal mensagem, no entanto, diferente de *status* e;
- Consumidor escolhendo a mercadoria principalmente por causa da motivação de *status*, isto é, com intenção de utilizá-la para comunicar a outras pessoas que pertence a determinada classe social, seja verdade ou aspiração.

Assim, é possível se observar que, apesar da presença constante e contraditória do consumo implicar no consumismo, em função das inúmeras formas do sistema capitalista de produção se manifestar, esses processos também são imbuídos de sentidos que apenas os sujeitos que vivenciam essas experiências são capazes de atribuir, o que implica no surgimento de uma pluralidade de “consumos”. Mesmo que uma lógica política e econômica predominante esteja presente e constitua, de certa forma, os sujeitos, estes também reivindicam particularidades dentro desta mesma lógica, vivendo esse consumo de modos distintos.

Essa unidade inseparável dos processos simbólicos-emocionais, no qual a presença de um desses elementos evoca o outro, sem que seja absorvido pelo outro, denomina-se **sentido subjetivo**, sendo o resultado da configuração subjetiva que se organiza em torno da experiência vivida e no sujeito dessa experiência (González Rey, 2003a). Os sentidos subjetivos resultam de uma rede de eventos e de suas consequências resultantes que se expressam em complexas produções psíquicas (González Rey, 2007).

Ou seja, não se trata de uma resposta linear frente ao vivido, mas uma expressão ontológica da psique humana destacando-se seu caráter gerador; os sentidos subjetivos de uma determinada experiência não estão restritos a essa experiência. Eles estão amalgamados com os sentidos subjetivos de outras vivências que ganham novos contornos subjetivos no curso da experiência atual. As qualidades transitória, maleável, instantânea e dinâmica dos sentidos subjetivos envolvidos naqueles processos, não permitem seu “aprisionamento” a nenhuma significação determinista de uma experiência ou definição antecipada do resultado de seus percursos (Souza & Torres, 2019).

Logo, a ideia de **configuração subjetiva** como integradora dos múltiplos elementos dinâmicos em torno de um sentido psicológico específico, sinaliza uma produção dominante de sentidos subjetivos (González Rey, 1995, p. 59). Tal categoria nos permite acessar uma inteligibilidade teórica para os modos singulares com os quais o ser humano organiza suas experiências sem, contudo, esgotá-las nas configurações emergentes (Souza & Torres, 2019). Como resultado dessa capacidade de gerar sentidos subjetivos, as configurações subjetivas tornam-se um dos principais pilares de qualquer ação humana, mas elas não são externas à ação; ao contrário, a configuração subjetiva representa a natureza subjetiva das ações humanas (González Rey, 2014a).

“As configurações subjetivas incorporam simultaneamente sentidos subjetivos que são uma expressão das produções subjetivas do sujeito em diferentes momentos da sua história e em diferentes áreas de sua vida, tornando-se um poderoso sistema motivacional dentro do qual novos sentidos subjetivos emergem no curso de diferentes ações, operações e desempenhos humanos que são realizados como produções subjetivas” (González Rey, 2014a).

Ambos os conceitos teóricos, portanto, elucidam a possibilidade de a motivação para os diferentes e complementares modos de consumo ser

compreendida sob a perspectiva de um sistema complexo, transcendendo a ideia de motivação como apenas mais uma entidade psicológica que influencia a ação internamente, superando a dicotomia entre externo-interno e social-individual (González Rey, 2014a).

Nesse sentido, a Teoria da Subjetividade emerge como um meio pelo qual a discussão sobre o consumo pode superar tais polarizações, a partir da compreensão de que os sentidos subjetivos e as configurações subjetivas se constituem como sendo dois momentos inseparáveis, que possuem uma relação próxima e recursiva, e que podem se organizar em torno de múltiplos arranjos e significados, tornando possível, assim, entender a existência de dinâmicas de consumo que fogem de uma explicação padronizada (González Rey, 2014a).

As reflexões do primeiro conjunto de autores, o qual tem crescido, por exemplo, no âmbito da antropologia do consumo, defendem que o prazer emocional buscado no consumo não está fortemente relacionado à intenção de comunicar a outras pessoas uma dada imagem, inclusive no intuito de obter aprovação social ou competir, e longe de fazer o sujeito vivenciar uma ilusão de identidade (Bragaglia, 2010).

Para eles, essa busca demonstra justamente o oposto: a experimentação, pelo consumidor, de uma identidade autêntica, pois pelo consumo ele estaria exercitando o “autoconhecimento”. Através da reflexão sobre seus gostos, o sujeito utilizaria a interação com mercadorias e marcas para tomar consciência de suas preferências, ao invés de buscar aprovação social ou convencer os outros de que são inferiores a ele; a consciência do gosto seria ponto de partida fundamental para o indivíduo “sentir” uma identidade, para que o “defina” (Bragaglia, 2010).

Campbell (1995, pp. 46-59) ilustra esse aspecto trazendo o conceito de *craft*

consumer, ou “consumidor artesão”, que significa fazer ou modelar alguma coisa com conhecimento especializado, criatividade e paixão, por meio de “um investimento considerável da individualidade”, ou motivado pelo “desejo de tomar parte em atos criativos de expressão”, isto é, expressar atributos de identidade, valendo-se do trabalho manual ou do uso de máquinas controladas diretamente pelo “artesão”. Esse tipo de consumo configuraria a “ânsia de singularização”, em reação oposta ao caráter homogeneizador da mercantilização.

O consumo seria, então, uma maneira de encontrar “uma resposta ao postulado ‘crise de identidade’, e não “como atividade que (...) serve somente para intensificar essa crise”. O consumo seria caracterizado não como ato de “ter”, mas de “ser”, e as pessoas que consomem não como “vítimas de um egoísmo materialista e de compra”, mas em busca de significado para a sua vida, propiciado pelo conhecimento de si mesmas. O fato de muitas pessoas mudarem gostos, comportamento expressado no constante consumo de novidades, não seria porque o consumidor estaria mudando sua identidade de forma incoerente, lembrando o que dizem críticos da pós-modernidade, e sim porque é o processo para a pessoa ir se descobrindo, tomando consciência de sua identidade (Campbell, 2007, pp. 5-22).

Dentro dessa perspectiva, poderíamos distinguir a concepção de **sujeito** e indivíduo, que no senso comum são tomados como sinônimos. González Rey (2006b) destaca a ideia de sujeito na condição individual reflexiva, crítica e assumida, capaz de gerar consequências diversas na organização social dos diferentes espaços de ação social da pessoa. Aquele que consome, então, não estaria à mercê exclusiva do consumo em sua configuração homogênea, podendo, inclusive, criar caminhos e possibilidades singulares para vivenciar essa dinâmica.

“Pois que o sujeito representa o indivíduo subjetivado, produtor de sentidos através das configurações subjetivas que caracterizam sua

personalidade, imerso de forma permanente nos contextos nos quais atua e se expressa. Esses processos ocorrem na relação contraditória entre as várias necessidades do sujeito, que se definem por configurações subjetivas que entram em jogo em cada um dos espaços sociais de sua ação e pelas novas necessidades derivadas do contexto em que atua” (González Rey, 2004a, pp. 157-158).

O segundo conjunto de autores, em contrapartida, colocam em evidência comportamentos de consumo vistos como prejudiciais ao bem-estar dos sujeitos. Para eles, desde o início da época hipermoderna (final dos anos 70, início dos 80), é comum encontrar consumidores que utilizam mercadorias e marcas para compor e definir suas identidades, mas mediante comportamentos que poderão afastá-los do que realmente são ou desejam ser. O efeito de consumo aqui é caracterizado pelo que se entende como “ilusão de identidade”, o qual, por sua natureza ilusória, só prorrogaria a sensação de vazio, mal-estar ou inautenticidade (Bragaglia, 2010).

Essa distorção ocorreria nas práticas de consumo citadas, em que o indivíduo busca nos produtos o prazer emocional de obter a aprovação de alguém por meio da afirmação ou conquista de *status* e de ter a sensação de euforia que lhe desse a ilusão de problema solucionado pela ilusão momentânea de que a mercadoria e o ato da compra suprem o sentimento de incompletude até então vivenciado, ou seja, as práticas de consumo alimentariam a angústia deflagrada pela sensação de esvaziamento da subjetividade (Bragaglia, 2010).

“Frente à angústia de não saber que caminho adotar para se constituir, e ao discurso constante de que é preciso mudar e adquirir o novo, entoadado pelas diversas mídias ou simplesmente por meio da apresentação de novidades mercadológicas sucessivas viabilizadas pelos avanços tecnológicos, o indivíduo dos tempos atuais lança-se à busca do prazer que mais rapidamente irá sanar o seu mal-estar, ou seja, o prazer imediato, valendo-se principalmente da variedade de produtos e marcas existentes, que fácil e constantemente chegam aos seus olhos” (Bauman, 2001, pp. 39-40).

Nesse sentido, no primeiro agrupamento de críticas, veríamos a presença mais evidente da **subjetividade individual** demarcando as motivações para o consumo, uma vez que o conceito faz alusão aos processos e formas de organização

subjetiva gerados nas histórias diferenciadas e singulares dos indivíduos (González Rey, 2003a). No segundo agrupamento de críticas, alguns aspectos da **subjetividade social**, que se define como o sistema abrangente de configurações subjetivas (grupais ou individuais) que se articulam nos diferentes níveis da vida social, envolvendo-se nas distintas instituições, grupos e formações de uma sociedade específica, seriam mais presentes (González Rey, 1996, pp. 99-100).

Acrescenta-se que, nesse segundo agrupamento, a subjetividade social seria retratada, principalmente, em sua concepção hegemônica, pois as influências constantes exercidas pela indústria do consumo marcariam presença maciça nos processos de subjetivação individual (Mori & González Rey, 2011). Aqui, o sujeito se distanciaria da sua condição individual reflexiva, crítica e assumida, em decorrência da disposição da própria estrutura mercadológica na qual se encontraria submerso.

Ressalta-se que quando o valor heurístico da subjetividade social é frisado em sua geração de visibilidade às múltiplas e inesgotáveis formas de organização de uma sociedade e seus espaços institucionais, abre-se um novo caminho para a investigação psicológica da dimensão subjetiva caracterizadora desses espaços, possibilitando uma representação viva e dinâmica da rede de produções subjetivas integradoras das configurações subjetivas (Souza & Torres, 2019). Portanto, as correlações que emergem dos conceitos de subjetividade social e individual culminam nas **produções subjetivas**, que, de acordo com González Rey e Mitjáns-Martínez (2017):

“Expressam processos diferenciados, sempre singulares, seja em nível social ou individual, nos quais essas produções simbólicas sociais aparecem configuradas nos sentidos subjetivos produzidos pela configuração subjetiva singular dos agentes da experiência, bem como pelas múltiplas configurações subjetivas sociais que coexistem numa trama social aparentemente homogênea”.

Deste modo, seria possível compreender como, por exemplo, o consumo

excessivo seria um fator que pudesse limitar os processos subjetivos da pessoa, mas também poderia gerar contradições que a levariam a produzir sentidos subjetivos diferenciados, facilitando o seu posicionamento em relação a representações dominantes sobre o próprio consumo (Mori & González Rey, 2011).

Portanto, ainda que a configuração do endividamento seja uma das consequências mais marcantes do consumo e sofra influências diretas da subjetividade social hegemônica, pretende-se pensar esse fenômeno dentro das particularidades das configurações subjetivas únicas para a participante da pesquisa, em suas constantes inter-relações com fatores culturais, políticos, econômicos e sociais, não restringindo essas experiências apenas à uma concepção estratificada.

Isso implica em compreender as configurações subjetivas presentes nos processos de consumo e endividamento na experiência da participante em questão, destacando a singularidade e a complexidade de uma vivência que rompe com a padronização e universalização dominante na compreensão dos fenômenos psicológicos (Souza & Torres, 2019).

3.2 O Endividamento no Brasil: breves definições, teorias e considerações

Moran (2011) abre uma discussão sobre as inúmeras denominações que o **endividamento** recebe na literatura científica, em função do uso do superlativo para distinguir a imponente de endividamento. Sob tal justificativa, fala-se em *sobreendividamento* (expressão comum em Portugal), *over-indebtedness* (designativo usado nos EUA, Reino Unido e Canadá), *surendettement* (fórmula da França), *überschuldung* (na Alemanha) e *superendividamento* (bastante usada no Brasil).

De modo geral, o uso da expressão superlativa, justifica-se pela necessidade de distinguir as obrigações cujo adimplemento é possível e provável daquele cujo

adimplemento é impossível ou improvável. No entanto, no Brasil, não existe um índice próprio ou mesmo uma fórmula para diferir o endividamento de consumidores do superendividamento de consumidores (Moran, 2011).

No caso brasileiro, a incapacidade de adimplemento – fator que difere o simples endividamento do superendividamento – é aferida por circunstâncias fáticas e não por levantamento contábil do patrimônio do consumidor ou por fórmulas matemáticas, sendo, por essa razão, inexistente, no âmbito nacional, um índice padrão capaz de mensurar níveis de endividamento (Moran, 2011).

Logo, no presente trabalho, a denominação *endividamento* será adotada, e definida por Marques (2006, p. 256) como a “impossibilidade global do devedor pessoa-física, consumidor leigo e de boa-fé, de pagar todas as suas dívidas atuais e futuras de consumo”. Portanto, se exclui da discussão as obrigações contraídas para fomento empresarial ou com finalidade produtiva/econômica, dívidas fiscais, os débitos alimentares, as obrigações financeiras decorrentes de delitos, atos ilícitos ou dívidas assemelhadas (Moran, 2011).

Compreende-se, então, que o endividamento é uma decorrência inevitável do uso de ativos alheios. Tal constatação aproxima o endividamento do uso do crédito, o que, por sua vez, introduz nessa escala de ideias o próprio uso do dinheiro (Moran, 2011).

“A história econômica revela que, originariamente, o gado e o sal eram os instrumentos habituais da troca, sendo sucedidos, em momento posterior, pelo uso de metais preciosos, tais como ouro, cobre e prata. Com o fortalecimento dos Estados Nacionais e as necessidades de dinamização do comércio, os metais foram gradativamente substituídos por moeda-papel, encerrando a fase da economia natural, caracterizada pela intensidade das trocas *in natura*, inaugurando a fase monetária, que estabeleceu a moeda como denominador comum na conversão de valores e bens (...) da ampliação do conceito de troca e face à premência da facilitação da circulação de valores, a fase monetária cedeu lugar à fase creditória” (Moran, 2011).

Conforme os levantamentos publicados pelo Sistema de Informações de

Crédito (SCR) do Banco Central do Brasil (BACEN), as principais modalidades de crédito concedidos à pessoa física são feitas mediante cheque especial, crédito pessoal, financiamento para aquisição de veículos e financiamento para aquisição de bens. De modo geral, o uso do crédito gera maior acessibilidade à determinados bens e serviços aos quais o consumidor não conseguiria ter acesso por conta própria, mas, por outro lado, a expansão do crédito, indubitavelmente, ao ampliar a possibilidade de consumo, amplia também a contração de obrigações, comprometendo, no tempo, a renda do consumidor, fato que margeia o endividamento (Moran, 2011).

Para Anderloni e Vandone (2010), o endividamento pode se manifestar de duas maneiras: em sua forma passiva e em sua forma ativa. Na primeira ocasião, fala-se em dificuldades financeiras resultantes de fatores imprevistos e externos, que eliminam a fonte de rendimento e precipitam o endividamento, tais como uma situação de desemprego imprevista ou um problema de saúde grave, que implique uma despesa superior ao previsto. Na segunda ocasião, seria quando o endividamento resulta de opções individuais que criam compromissos insustentáveis para o endividado – tradicionalmente associado ao consumismo e ao tipo de estilo de vida desadequado de suas capacidades financeiras.

Alguns autores, ao considerarem os principais fatores para o endividamento, tentam separá-los em dois grupos: externos e internos. No primeiro caso, os fatores externos seriam: pagar outras dívidas, aceder a bens essenciais devido à saturação do rendimento disponível e dificuldades financeiras momentâneas, uma vez que a maior parte dos consumidores que sofrem a diminuição de rendimentos optam por recorrer à créditos pessoais para não terem que modificar os seus hábitos de consumo e estilo de vida; a pressão social e a necessidade de manutenção de uma identidade social por parte do consumidor estariam presentes sob esse aspecto (Karen e

Kempson, 1994; Burton, 2008; Frade, Lopes, Jesus e Ferreira, 2008; Schicks, 2010, citados por Ferreira, 2016).

Já no segundo grupo de autores, os fatores internos seriam: questões como má gestão e desorganização, indisciplina e pouco autocontrole, que afetariam a contração de dívidas, principalmente se o consumidor estiver sob uma circunstância limitada que precariza o acesso à informações relevantes para tomada de decisões; o permanente foco no dia a dia e na resolução de problemas criaria uma concentração exacerbada no curto-prazo e prejudicaria a capacidade de planejamento e da avaliação de recompensas a médio e longo-prazo (Frade et al., 2008; Kilborn, 2010; Schicks, 2010; Gathergood, 2012, citados por Ferreira, 2016).

Uma das teorias mais utilizadas e influentes no campo dos estudos sobre processos de consumo e endividamento, é denominada de Economia Comportamental (EC), definida por Samson (2015, p. 26) como “o estudo das influências cognitivas, sociais e emocionais observadas sobre o comportamento econômico das pessoas”, que “vêm sendo aplicada em várias esferas no setor privado e em políticas públicas, incluindo finanças, saúde, energia, desenvolvimento, educação e marketing de consumo”.

“A popularidade da EC e das ciências comportamentais de modo geral ampliou a caixa de ferramentas conceituais dos profissionais da área prática, incentivou pesquisas que investigam o comportamento real e começou a favorecer uma cultura de testar e aprender entre os governos e as empresas” (Samson, 2015, p. 26).

A Teoria da Perspectiva, criada por Kahneman e Tversky (1979), e a Teoria do Sistema Dual, onde Kahneman usa uma estrutura teórica de sistema dual (consolidada na Psicologia Cognitiva e Social nos anos 1990) para explicar por que nossas avaliações e decisões frequentemente não estão em conformidade com noções formais de racionalidade, são as correntes teóricas mais influentes da EC, que

contradizem a Teoria da Escolha Racional, defendida principalmente pelo economista Becker (1976), este que define serem nossas decisões o resultado de uma cuidadosa ponderação de custos e benefícios que se baseariam em preferências existentes, uma vez que a Teoria da Perspectiva e a Teoria do Sistema Dual consideram que nem sempre as decisões são “racionais”, pois a disposição para se correr riscos é influenciada pelo modo como as escolhas são apresentadas (*framed*), isto é, depende do contexto (Samson, 2015, pp. 26-36).

Essa linha de pesquisa e atuação procura demonstrar que o comportamento passa por uma variação no tempo e no espaço e é sujeito a vieses cognitivos, emoções e influências sociais, assim, as decisões resultam de processos menos deliberativos, lineares e controlados do que se acredita. Nesse sentido, Kahneman e Tversky influenciaram diretamente uma nova onda de economistas e a Psicologia do *homo economicus* — um indivíduo racional e egoísta com preferências relativamente estáveis — foi contestada, assim como a tradicional ideia de que a mudança comportamental deve ser obtida fornecendo informações, convencendo, incentivando ou penalizando as pessoas (Ariely, 2008; Thaler & Sunstein, 2008).

Nesse sentido, os autores acima mencionados propõem uma revisão teórico-metodológica que tem por objetivo se distanciar de uma visão de homem moderno ao questionar a racionalidade incondicional deste mesmo, tornando a EC uma proposta cognitiva que considera aspectos como tempo e espaço, emoções e influências sociais.

Logo, as discussões realizadas sobre a literatura em torno dos temas do presente trabalho, associadas principalmente às motivações para o consumo e o endividamento como uma das suas possíveis consequências, se constituem como tentativas de definir e contextualizar de modo amplo os fenômenos aqui descritos,

reconhecendo o arcabouço teórico e metodológico da Teoria da Subjetividade como um potencial recurso de contribuição e aprofundamento de tais temáticas, uma vez que à luz de sua complexidade, é possível gerar visibilidade sobre os aspectos recursivos da psique e do social (González Rey, 2003a; 2004a).

4. Princípios Epistemológicos e Metodológicos

4.1 A Epistemologia Qualitativa

Esta pesquisa traz como fundamento epistemológico e metodológico a Epistemologia Qualitativa e a Metodologia Construtivo-Interpretativa (González Rey, 1996, 2001, 2003b, 2006a; González Rey & Mitjáns-Martínez, 2017). González Rey (2001) ressalta que a Epistemologia Qualitativa tem por base a unidade indissolúvel entre o metodológico e o epistemológico, e se desenvolve em torno de três princípios gerais: (1) o caráter construtivo-interpretativo do conhecimento, (2) a legitimidade da singularidade como fonte genuína de informação para o conhecimento científico e (3) a concepção do conhecimento como comunicação dialógica.

Tal conjunto de princípios tem como objetivo central se dissociar de uma lógica essencialmente positivista, uma vez que a própria Psicologia se desenvolveu, de modo geral, em torno de um modelo de pesquisa próprio das ciências naturais, se limitando a definir critérios universalizantes que pouco contribuíam para “desenvolver uma reflexão aberta e sem âncoras apriorísticas em relação às exigências e às necessidades de produzir conhecimento em uma perspectiva qualitativa” (González Rey, 2005, p. 5). González Rey afirma que “o positivismo que tomou vida nas ciências sociais e que até hoje continua dominando o imaginário da pesquisa científica nessa área ignorou tudo o que significa produção teórica, ideias, modelos e reflexões” (González Rey, 2005, p. 5).

O primeiro princípio dessa epistemologia consiste em considerar o caráter construtivo-interpretativo do conhecimento, conhecimento este que é visto como uma produção permanente, “e não como apropriação linear de uma realidade que se nos apresenta” (González Rey, 2005, p. 5). O caráter construtivo-interpretativo do conhecimento, portanto, visa romper com a dicotomia entre o empírico e o teórico,

dando centralidade ao diálogo no processo de pesquisa ao evidenciar o caráter comunicacional dos processos subjetivos e a capacidade destes se articularem com vários sistemas de significados distintos.

O segundo princípio se define pela legitimação do singular como fonte de produção do conhecimento, o que implica considerar a pesquisa como uma produção teórica. O teórico, nesse caso, não é o restringido a fontes de saber pré-existentes ligadas ao processo de pesquisa, mas sim ao que se expressa na atividade “pensante e construtiva do pesquisador” (González Rey, 2005, p. 11). Compreender a dinâmica da singularidade é, desse modo, ir diretamente contra a tentativa de generalizar resultados como caminho para legitimar os saberes que emergem no contexto da pesquisa, considerando a especificidade do problema que se apresenta nesse processo.

Por último, destaca-se a compreensão de ser a pesquisa nas ciências antropológicas um processo de comunicação e de diálogo, este que emerge, então, como “um recurso de pesquisa e implica o uso do saber do pesquisador como instrumento dialógico, inseparável da consideração diferenciada da produção subjetiva dos sujeitos em diálogo” (González Rey, 2019, pp. 30-31). É a partir dos múltiplos processos relacionais que o pesquisador estabelece com o pesquisado que se rompe definitivamente com a ideia de neutralidade do pesquisador que, por consequência, se torna um participante ativo na produção do conhecimento.

4.2 A Metodologia Construtivo-Interpretativa

A metodologia construtivo-interpretativa se insere no contexto da construção e análise da informação presentes nas expressões dos participantes, produzidas por meio dos instrumentos utilizados nos momentos empíricos. A análise das expressões

e das emoções dos sujeitos possibilita a produção de indicadores de sentidos subjetivos a partir dos quais são construídas hipóteses. González Rey expressa que essas informações não se mostram tão visíveis para o pesquisador, pois elas não estão apenas presentes nas expressões dos sujeitos, em suas falas e escritas, mas nos sentidos subjetivos configurados por esses sujeitos:

“... na qualidade da informação, no lugar de uma palavra em uma narrativa, na comparação das significações atribuídas a conceitos distintos de uma construção, no nível de elaboração diferenciado no tratamento dos temas, na forma com que se utiliza a temporalidade, nas construções associadas a estados anímicos diferentes, nas manifestações gerais do sujeito em seus diversos tipos de expressão...” (González Rey, 2005, p. 116).

É por meio da análise das conversações e das respostas nos demais instrumentos, que o pesquisador vai levantando indicadores que, organizados em categorias, constituem base para a construção de hipóteses, logo, a construção do conhecimento vai se delineando em torno de indicadores de sentidos subjetivos (González Rey, 2005).

As hipóteses, por sua vez, confrontadas com outros indicadores oriundos de um mesmo instrumento ou de instrumentos diferentes, vão se confirmando ou não, num processo construtivo-interpretativo permanente de construção do conhecimento. Esse processo de construção da informação não se orienta por uma lógica preconcebida, mas se caracteriza por um processo mental e reflexivo do pesquisador que ao longo da pesquisa vai construindo seu próprio modelo teórico (González Rey, 2005).

Na medida em que os relatos apontam elementos constituintes de determinado sentido, cria-se uma hipótese de que tais elementos possam significar algo relacionado ao tema pesquisado. Esses elementos associados às emoções e expressões dos sujeitos auxiliam na conformação das hipóteses levantadas (González Rey, 2005).

Nesse modelo de pesquisa, o delineamento de trabalho constitui-se em considerar todo o andamento da pesquisa como processo de construção da informação; é importante considerar que a informação relevante para a interpretação do problema estudado não surge exclusivamente da resposta dos participantes, tampouco da sua fala explícita (González Rey & Mitjáns-Martínez, 2017).

O caminho hipotético concebido no processo da pesquisa construtivo-interpretativa constitui-se a partir das distintas hipóteses geradas pelo pesquisador no decorrer da pesquisa em momentos contraditórios entre si. Além disso, os processos da pesquisa não se dão na sequência de informações isoladas, mas em uma integração constante de informações distintas sobre as quais os sentidos subjetivos e as suas configurações subjetivas vão sendo construídas pelo pesquisador (González Rey & Mitjáns-Martínez, 2017)

“... a forma adjetivada ou personalizada de narrar experiências com os outros, a maneira pela qual aparecem organizados no relato tempos da vida de seu autor, as emoções, os silêncios, a excessiva ênfase sobre algo em detrimento de outros aspectos possíveis no relato, a relação desses aspectos, assim como podem surgir também como indicadores: olhares, posturas, comportamentos (González Rey & Mitjáns-Martínez, 2017).

Assim, o processo de construção da informação no presente trabalho não estabeleceu nenhuma definição a priori sobre o caso em questão, tendo como orientação principal agir de modo dinâmico e aberto frente aos desdobramentos implicados na interação entre pesquisadora-participante, permitindo que as reflexões proporcionadas pelos conteúdos emergentes tivessem como norte uma lógica não linear.

Nesse sentido, tornou-se imprescindível levar em consideração todas as formas dos indicadores se manifestarem, o que possibilitou uma compreensão aprofundada, dinâmica e multifacetada do tema, logo fugindo de uma discussão estática, que constantemente procura enquadrar a pesquisa em um padrão pré-

determinado, que de modo frequente inviabiliza expressões autênticas dos sujeitos.

4.3 Participante

Partindo dos princípios éticos que regulamentam o exercício da pesquisa acadêmica, chamaremos a participante pelo nome fictício Ana, assim como outras pessoas mencionadas por ela também terão seus nomes originais alterados, tendo por objetivo manter suas identidades preservadas. Adiante, levando em consideração o contexto da presente dissertação, algumas informações sobre a participante são importantes de serem consideradas.

A saber, Ana tem 47 anos, é formada em Odontologia e exerce a profissão de dentista, tendo se especializado em odontologia cirúrgica. Seu primeiro trabalho depois de formada foi atuando em clínicas de outros profissionais, tendo entrado para o serviço de dentista na área militar em seguida, permanecendo nesse trabalho durante 8 anos. No período em que estava no exército, ganhou um apartamento e precisou mobilizar boa parte de seus recursos financeiros para reformar o local. Logo depois de sair do seu cargo público, voltou à rotina de trabalhar em clínicas particulares.

Atualmente, a participante trabalha em espaço próprio e presta serviço em outra clínica. Em ambos os locais, sua renda mensal não é fixa. Ana informa que durante boa parte de sua vida seu pai a auxiliou financeiramente, bem como o seu avô por parte de mãe, e recentemente, uma amiga também lhe emprestou um valor para que ela pudesse construir a sua própria clínica.

Seus pais são casados, vivem juntos até os dias de hoje e ela tem uma irmã diagnosticada com deficiência auditiva. Sua mãe vem de uma família de fazendeiros e teve um bom suporte financeiro ao longo de sua vida. Já seu pai vem de um histórico

distinto, no qual a estabilidade financeira veio principalmente em função do seu próprio trabalho. Nesse sentido, Ana refere que cresceu observando sua mãe ter pouco controle com dinheiro, gastando muito na aquisição de pequenos bens e seu pai frequentemente a auxiliando em tal aspecto.

Esse plano geral dos aspectos relacionados à participante é fundamental para a compreensão dos desdobramentos descritos no presente trabalho, pois emergem em sua fala constantemente, contribuindo, assim, para a construção de indicadores interligados às hipóteses de pesquisa.

4.4 Construção Social do Cenário de Pesquisa

González Rey (2005) salienta que antes de iniciar o trabalho de campo, é importante se criar o cenário de pesquisa, este que não se restringe a um local físico onde a pesquisa ocorre. Trata-se do primeiro contato entre pesquisador e pesquisado e é deste encontro que se forma o grupo de pesquisa.

“Entendemos por cenário de pesquisa a fundação daquele espaço social que caracterizará o desenvolvimento da pesquisa e que está orientado a promover o envolvimento dos participantes da pesquisa. É precisamente no processo de criação de tal cenário que as pessoas tomarão a decisão de participar da pesquisa, e o pesquisador ganhará confiança e se familiarizará com os participantes e com o contexto em que vai desenvolver a pesquisa” (González Rey, 2005, p. 83).

González Rey e Mitjans-Martínez (2017) pontuam a importância dessa relação dialógica e afirmam que ela vai tomando forma nas várias conversações que se organizam no curso da pesquisa, favorecendo não só a emergência da subjetividade dos participantes, mas também a emergência da subjetividade do pesquisador, que é essencial para a produção da pesquisa.

A participante tomou conhecimento do tema da pesquisa durante uma palestra em que a pesquisadora abordava os principais aspectos dos endividamentos

de profissionais liberais para um grupo de dentistas ligados à Sociedade Brasileira de Odontologia. Durante essa palestra, a pesquisadora relatou aos ouvintes a sua experiência em atuação como coach de finanças e por conta dessa experiência, foi possível observar que os aspectos da subjetividade influenciam e encontram sentido na cadeia de sentidos individuais em relação à maneira como os sujeitos lidam e administram o dinheiro em suas vidas.

A partir dessa palestra, a participante entrou em contato com a pesquisadora para passar por processo de atendimento em coach de finanças e desde então ela passou a demonstrar interesse em entender melhor os mecanismos e formas de funcionamento do dinheiro em sua vida.

Em determinado momento do processo de coach de finanças, a pesquisadora compartilhou com a participante que entraria na fase de pesquisa de sua dissertação de mestrado cujo tema estava profunda e intrinsecamente relacionado aos assuntos abordados durante as sessões de coaching de finanças. Assim, imediatamente, a participante demonstrou o desejo de participar do estudo de caso.

Como forma de manter a essência do instrumento de pesquisa, a pesquisadora propôs que as entrevistas para compor o estudo de caso fossem realizadas em dias e horários diferentes das sessões de coaching. A participante concordou e pediu que as entrevistas fossem realizadas em ambiente presencial e privado, em dias alternados, pois assim se sentiria mais confortável para abordar o tema já que para ela as questões financeiras eram sensíveis e complexas.

Os encontros para a realização das entrevistas aconteceram em ambiente presencial, sempre aos sábados com duração aproximada de duas horas e em horários previamente acordados entre ambas as partes. No primeiro encontro a pesquisadora explicou à participante sobre a necessidade de preenchimento e

assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e após a concordância da participante, pediu que ela preenchesse e assinasse o referido documento. Após essa etapa, a pesquisadora introduziu o assunto fazendo um breve relato do tema de pesquisa e do seu entendimento sobre a importância do estudo do funcionamento do dinheiro na vida das pessoas e, especialmente dos profissionais liberais, pois para a pesquisadora, o profissional liberal possui a particularidade financeira da inconstância de recebimentos e, assim, conseqüentemente, acaba por ter mais dificuldades de administrar suas finanças.

No segundo e terceiro encontro, a pesquisadora introduziu as entrevistas realizando um breve resumo dos assuntos que foram abordados e explorados nas sessões anteriores. As entrevistas tiveram como ponto de partida a pergunta: “*Como o dinheiro funciona na sua vida?*”, assim, a partir dessa pergunta e através do método construtivo-interpretativo, a pesquisadora foi desenvolvendo novas perguntas e construindo junto à participante o modelo teórico do presente trabalho.

Foram realizados três encontros, nos quais também foi possível construir o complemento de frases, tendo por objetivo aprofundar os significados das expressões da participante.

4.5 Instrumentos

Para González Rey (2005, p. 42), o instrumento seria “toda situação ou recurso que permite ao outro expressar-se no contexto de relação que caracteriza a pesquisa”. Ou seja, o instrumento representa um caminho pelo qual o pesquisador pode provocar expressões do participante, não como uma via de obtenção de resultados objetivos que produzem respostas diretas, mas sim de produção de expressões simbólicas diferenciadas que farão parte das informações relevantes para

o processo de construção da pesquisa.

Nos encontros realizados, a dinâmica conversacional, proposta por González Rey (2001, 2006a), foi utilizada como instrumento central, visando facilitar a expressão de trechos de informação por meio de indutores que envolvam a produção de sentidos no decorrer da pesquisa. A utilização desse recurso visou promover um espaço de diálogo no qual a participante pôde falar abertamente sobre suas histórias, criando, assim, possibilidades mais ricas de interação no decorrer dos encontros.

Dentro deste sistema aberto de diálogo, o tema de pesquisa foi apresentado pela pesquisadora a partir do seguinte indutor: *como o dinheiro funciona na sua vida?*, que teve como objetivo fazer com que a participante passasse a se envolver com o tema da pesquisa de maneira informal, por meio de uma conversação em que novas perguntas foram surgindo na interação pesquisadora-participante, e a partir deste ponto, hipóteses de indicadores foram levantadas no desenvolvimento da pesquisa em questão (González Rey, 2001 e 2006a).

Foi levando adiante tal perspectiva que o presente trabalho procurou não se limitar rigidamente à roteiros previamente elaborados, uma vez que ao corroborar com tal lógica, se perderia a oportunidade de acompanhar as expressões espontâneas da participante e de provocá-la com reflexões e comentários relevantes. Nesse sentido, Mitjáns-Martinez (2014, p.75) ressalta que no processo de entrevistas e conversações em pesquisa é de suma importância “colocar os sujeitos em situações nas quais sejam provocados a refletir e construir, aspectos que são condições essenciais para a expressão da subjetividade”, pois que conduzem à fuga de processos comunicacionais automatizados.

Já os instrumentos escritos, de acordo com González Rey (2005, p. 51), são aqueles que “representam a possibilidade de posicionar o sujeito de forma rápida e

simples, diante de indutores que facilitem o trânsito para outros indutores diferentes e inclusive no interior de um mesmo instrumento”. Desse modo, os instrumentos escritos facilitam a possibilidade de expressão de processos e formações subjetivas, abrindo espaço para um novo canal de produção de informações.

Assim, o complemento de frases, que consiste na elaboração de uma quantidade de frases inacabadas, construídas pelo próprio pesquisador, de acordo com a necessidade e a demanda, devendo ser preenchidos pelo participante da pesquisa, também foi utilizado como um recurso, visando aprofundar os significados das expressões e indicadores que emergiram em processo dialógico estabelecido entre a pesquisadora e a participante, uma vez que tais frases são capazes de gerar informações variadas sobre atividades, experiências e pessoas sobre as quais as participantes desejem se expressar (González Rey, 2005).

5. O processo de Construção da Informação

5.1 A família como um espaço de produção dominante de sentidos

O primeiro encontro com Ana foi fundamental para apreender aspectos relacionados a sua história de vida e os seus respectivos desdobramentos subjetivos, que se constituem no campo de suas experiências passadas e atuais. Assim, o início da conversação partiu do indutor: *como o dinheiro funciona na sua vida?*

Ana: Bem, **eu vou começar a contar a minha história desde criança...** eu cresci vendo meus pais sempre juntando dinheiro, meu pai trabalhando, minha mãe também trabalhava fora. **Meu pai ficava com as despesas de casa: comida, condomínio, prestação de apartamento, despesas em geral... e minha mãe sempre trabalhava pensando no bem-estar das filhas: comprar roupa para as filhas, pagar um seguro de saúde para as filhas, calçado, o que era mais... digamos... supérfluo da casa.** Eu cresci vendo isso dos meus pais, só que o meu pai veio de uma família pobre, e minha mãe, os pais dela tinham condições, porque meu avô era fazendeiro. Na hora do aperto, eu sempre via meu pai sanar as despesas mais altas lá de casa.

Nesse primeiro momento, ao trazer um relato inicial sobre como o dinheiro funciona em sua vida, Ana retorna à sua infância e fala principalmente de seu pai e de sua mãe, e expressa sentidos subjetivos sobre o dinheiro funcionar em sua vida com base nas experiências que vivenciou em sua dinâmica familiar. Também começam a aparecer sentidos subjetivos presentes na subjetividade social de sua família, uma vez que as “despesas da casa”, consideradas mais importantes, ficavam à cargo do seu pai, enquanto “os supérfluos” ficavam à cargo de sua mãe:

Pesquisadora: Como seu pai sanava as despesas?

Ana: Dentro das possibilidades do meu pai, ele não conseguia, ele ganhava pouco, ele trabalhava numa firma, numa empresa de fabricação de cimento,

depois ele mudou para uma construtora e foi contador, **ele é contador, foi contador a vida inteira**, e quando minha mãe queria alguma coisa, ela ia lá, fazia negócio, e ele se virava para pagar as prestações. E muitas vezes o dinheiro faltava, e meu avô tinha na época seis filhos, e tudo que ele dava para um filho, ele dava para o outro. Se ele quitava a dívida de um, ele dava o mesmo valor para outro, então, uma vez que não me esqueço, uma tia minha pediu na época do aniversário dela um Monza, naquela época valia como se fosse 117 mil, e eu me lembro que a gente tinha mudado de cidade, em um apartamento financiado, e minha mãe não queria morar mais lá porque tinha infiltração, quis mudar para o centro e fez meu pai vender o apartamento de antes e comprar esse apartamento em um bairro no centro. Então, na época que meu avô deu esse Monza para minha tia, ele perguntou para minha mãe o quê que ela queria, e ela queria que ele quitasse a conta do apartamento novo (...) **eu sempre vi que as dívidas lá em casa era minha mãe comprando sem ter muita previsão de como iria pagar e sempre contando com meu avô. No final, era sempre meu avô que ajudava quitar as contas.**

Ana também traz um aspecto recorrente em sua fala, que é a figura de uma terceira pessoa mediando as relações de consumo do seu núcleo familiar. Essa figura mediadora geralmente surge em situações de pouca previsão e controle diante dos recursos daquele que solicita e recebe suporte financeiro. Nas falas acima, seu avô, então, aparece como um mediador de sua mãe, e posteriormente, o seu pai ocupa esse lugar, evidenciando novamente processos da subjetividade social de sua família na manutenção dessa figura masculina que se encontra configurada enquanto suporte financeiro:

Pesquisadora: E o que você observa nessa questão da sua mãe não prever muito os gastos?

Ana: **Meu pai sempre foi o controle de gastos, minha mãe sempre gastou,** e meu pai sempre controlou, até hoje ela não tem controle, quem controla é meu pai, é meu pai que sempre fica quebrando a cabeça para pagar as contas

e minha mãe sempre junta o dinheiro dela, o dinheiro que ela ganhava sempre foi dela.

Conforme Ana relata a relação de sua mãe com o dinheiro, aparecem indicadores de passividade por parte de seu pai no sentido de não limitar o suporte financeiro que fornecia para a sua mãe, dando espaço para que ela perdurasse seus hábitos de consumo de maneira semelhante aos que possuía em sua relação com o seu avô, que detinha uma condição financeira favorável à manutenção de tais hábitos, assim, uma produção subjetiva de uma figura masculina essencialmente provedora e central, responsável pelo controle das finanças do núcleo familiar, vai se delimitando na contrapartida de uma figura feminina que depende desse suporte, devido uma dificuldade significativa de maior organização financeira:

Pesquisadora: Como foi para você presenciar essa dinâmica do seu pai e da sua mãe?

Ana: **Muitas vezes eu compro as coisas sem muito planejamento, já passei apertos e da mesma forma que minha mãe fazia, vez ou outra eu acabo recorrendo ao meu pai (...)** meu pai é aposentado, trabalha com fazenda, e meu pai sempre foi de falar: o que eu precisasse, ele iria ajudar... eu que não sou muito de recorrer, porque eu tenho vergonha de pedir. Eu sei que as possibilidades do meu pai hoje em dia são bem diferentes da realidade que minha mãe vivia, **minha mãe era filha de um pai rico e eu não sou filha de um pai rico...** hoje em dia meu pai trabalha na fazenda que era do meu avô, ele não é o dono, ele que cuida, mas é uma fazenda que foi dividida em sete partes, então não tem o mesmo poder aquisitivo para eu poder recorrer, fora as despesas que lá em casa sempre foi em cima do meu pai. Além disso, eu tenho uma irmã surda e vejo sempre meu pai se virar para pagar as despesas de todo mundo.

Conforme o diálogo se desenvolve, a participante verbaliza pela primeira vez que possui uma forma de agir semelhante à de sua mãe, no entanto, a partir desse

relato, Ana começa a expressar um indicador importante, que é a compreensão de que, apesar de agir em relação ao dinheiro de modo parecido com sua mãe, o contexto econômico do qual faz parte não é igual ao dela.

Logo, a participante informa ter vivido uma contradição em sua vida, pois de um lado tinha o seu pai a incentivando a controlar os seus recursos, e do outro, aprendia com sua mãe a gastar sem previsão, adquirindo um hábito de consumo que não correspondia com a sua realidade financeira. Ao ser questionada sobre como se reconhecia nesse universo, Ana disse:

Pesquisadora: E como você se reconhece em meio a esse universo financeiro da sua família?

Ana: **Acho que isso afetou minha forma de querer, porque o dinheiro da minha mãe é da minha mãe**, então minha mãe não tem obrigação de pagar conta, não tem obrigação de arcar com as despesas de casa, o dinheiro sempre foi para ela gastar com aquilo que ela quisesse, se ela quisesse juntar o dinheiro para comprar o carro que ela quisesse, ela comprava, hoje em dia é da mesma forma, e comigo não é assim, **por isso mesmo eu vejo que a minha realidade é diferente da dela (...)** eu acho que sou um pouco do meu pai quando brigo comigo mesma para controlar minhas finanças e um pouco da minha mãe querendo o impossível, é mais ou menos assim, então muitas vezes eu me vejo um pouco enrascada por falta desse mesmo suporte que ela tinha, **de repetir um padrão**, mas sem o controle do meu pai e sem a ajuda do meu avô.

Buscando entender em que sentido Ana diz repetir um padrão, pergunto o que isso significa para ela. Diante disso, a participante evidencia como se sente e relata que apesar de suas dificuldades, consegue mobilizar recursos próprios para superá-las, demonstrando que apesar de reconhecer a influência que sua mãe exerce em sua relação com o consumo, ela não é definida estritamente por esse aspecto, aparecendo

indicadores de um sujeito ativo frente à situação que pretende não se reduzir à produção subjetiva social dominante do seu contexto familiar:

Pesquisadora: E o que seria repetir esse padrão para você?

Ana: Eu sinto que é, no primeiro instante, aquela sensação de Nossa! Consegui comprar! O segundo momento é: eu vou conseguir pagar? E o terceiro momento é: mas eu vou pagar como? **Hoje em dia eu recorro a tirar gastos supérfluos, economizar onde dá, para gastar onde realmente preciso, que no caso seria pagar essas contas.** O que eu vejo muito é que gasto comprando muitos bens e faço poucas viagens, então acabo acumulando bens e tendo pouca vida social, no caso eu falo que o meio social são um lado que faz gastar bastante e é onde eu economizo.

Pergunto à Ana sobre como é vivenciar esse período de incertezas a respeito de como ela pagará suas dívidas, tendo que, ao mesmo tempo, arcar com suas despesas mensais. Nesse momento, a participante relata suas angústias, mencionando sensação de desespero, ansiedade e insônia. Essas expressões indicam o sofrimento frente à uma realidade financeira instável, característica comum e frequente em uma configuração de trabalho autônoma, bem como trazem perspectivas de mudança em um futuro considerado pouco concreto, que se relacionam com a configuração subjetiva de descontrole financeiro:

Pesquisadora: Nessas situações, como a que você citou acima, o que acontece quando você tenta descobrir como vai pagar suas dívidas?

Ana: **Existe um certo desespero, ansiedade, falta de sono, insônia...** e aquela história, mas como que eu vou conseguir pagar? E aí sentar e ver o que falta para pagar, o que tem de prestação para pagar, de onde eu posso tirar, diminuir cartão de crédito, diminuir o máximo de despesa (...) **mas penso também que minha agenda vai melhorar, irei atender mais e procurar outros meios para trabalhar e ganhar dinheiro, mas enquanto isso não acontece, talvez eu esteja empurrando com a barriga,** a verdade é bem essa, mas tentando... (longa pausa) **juntar dinheiro é algo muito**

difícil para mim, porque cada vez eu vou acumulando mais alguma coisa para pagar. Sei lá de onde aparece tantas outras contas, que a gente se endivida de 30 em 30, de 20 em 20, de 10 em 10... e acaba que toda vez meu cartão é uma fatura alta, mas estou tentando diminuir. **Posso falar que de uns tempos para cá minha fatura caiu 50% do valor que tinha antigamente.**

Pergunto à Ana se essas características eram presentes desde que se formou e começou a exercer a profissão, ou se em algum momento como sendo sua própria provedora essas dificuldades não faziam parte da sua rotina financeira:

Pesquisadora: Desde o início da sua vida financeira como profissional autônoma, você percebeu alguma mudança no seu planejamento financeiro?

Ana: **Eu já fui muito bem controlada.** No início, eu acho que o que talvez tenha me estragado um pouco foi o fato de ter sido do serviço público. Eu fui militar durante oito anos, então nessa época eu tinha uma certa segurança financeira, então eu podia fazer contas que eu saberia quanto iria receber.

Pesquisadora: O salário nessa época era fixo?

Ana: Era fixo e eu atendi em alguns lugares, então foi quando eu comecei a fazer prestações que tinha como pagar. Três ou quatro vezes por semana eu ia em restaurantes caros, eu trocava de carro, eu viajava quase todo final de semana, então eu gastava... eu estava ganhando bem, e eu era sozinha, **eu não tinha muito controle de gasto do dinheiro**, o que entrava “ah, eu tenho dinheiro, não tenho com o que gastar, vou comprar”, mas aí foi quando eu ganhei esse apartamento e tive que reformar, e o dinheiro de reformar eu não tinha juntado, comecei um apartamento do zero e aí comecei a trabalhar mais, fazer plantões, e com esses plantões consegui pagar, mas quando eu saí do exército eu me vi numa situação onde eu não tinha mais o dinheiro fixo, **e talvez até hoje eu conte com aquele dinheiro que eu não tenho mais.**

Ana reporta um aspecto interessante sobre o que considera “ser bem controlada”, trazendo a compreensão de que controle seria ter mais recursos para arcar com suas despesas, dando forma à essa perspectiva quando refere ter sido

servidora pública, e na época, ganhar um salário fixo capaz de sustentar o estilo de vida que possuía, e novamente quando ganha o seu apartamento e precisa aumentar sua carga horária de trabalho para ter condições financeiras de reformar o espaço. Ao ser indagada a respeito de como era “bem controlada”, a participante informa que nesse período ainda morava com seus pais e quem a auxiliava no controle de gastos era o seu pai.

Ao considerar aspectos já mencionados acima, vão se delineando configurações subjetivas dominantes na vida de Ana: sua relação com o pai e a figura do mesmo como um indicativo de controle financeiro, e posteriormente, sua relação com sua mãe e a figura da mesma como um indicativo de descontrole financeiro. Sentidos subjetivos emergem dessas configurações de modo a aparecerem na sua forma de se relacionar com o dinheiro após a conquista de maior independência financeira. Em se tratando especificamente de seu pai, Ana relata:

Pesquisadora: Você me disse que teve uma época na sua vida em que você era bem controlada. Como você estabeleceu esse controle nessa época?

Ana: **Nessa época eu morava com meus pais, então meu pai sempre me ajudou a organizar meus gastos.**

Pesquisadora: Então ele controlava os gastos para você?

Ana: **Ele me ajudava, sentava e dizia “você vai fazer isso”,** e depois me mostrava. Ele faz isso até hoje, todo final de semana, pega todos os gastos, senta e faz um controle. Eu nunca fui de fazer controle semanal, fazia mais mensal. Eu enrolava, mas ele tinha acesso à minha conta, que naquela época era conta conjunta, então ele via se eu estava devendo, se eu não estava, e quando ele me deu a conta, ele era amigo do gerente, ele fez o gerente acessar minha conta para ver se eu estava devendo. Uma vez, eu lembro, meu saldo estava em 3 mil negativo, na época de 2002. Foi a maior bronca que eu já levei na vida em relação à gastos! Foi aí que ele começou a me cobrar para fazer o controle semanal.

Ana novamente menciona o fato de receber suporte de seu pai quando seus recursos não eram suficientes para suprir as dívidas que possuía, evidenciando assim que a ajuda para se organizar em relação ao dinheiro era ineficaz muito em parte por seu pai de maneira recorrente acabar sanando suas pendências financeiras. Esse aspecto afetou consideravelmente o desenvolvimento de maneiras autônomas e independentes da participante solucionar as próprias demandas, impactadas pela produção subjetiva de seu pai enquanto contador, uma vez que as formas de resolução do problema que o mesmo proporcionava para Ana se baseavam mais em uma replicação de estratégias de controle financeiro prévias, do que em ferramentas construídas em um cenário adaptativo ao contexto experiencial da participante. Tais concepções vão se elucidando na seguinte fala:

Pesquisadora: Me explica melhor como era essa questão, de junto ao seu pai, você fazer esse planejamento financeiro e buscar controlar os gastos.

Ana: Naquela época se usava muito cheque, não tinha cartão de crédito, eu tinha um cheque pré-datado, então o saldo final desse cheque tinha que corresponder ao que eu tinha na conta. **Por algum motivo eu acho que eu não controlei por me sentir forçada para fazer aquele controle que ele colocava para mim, que eu tinha verdadeiro pavor (...)** talvez eu via minha mãe que gasta (usa o tempo presente, pois ainda é uma condição atual) e não faz controle e tenha me espelhado no lado errado... seja o que Deus quiser, mas eu tenho um perfil muito semelhante ao da minha mãe (...) além do mais, naquela época, eu ganhava pouco quando comecei a trabalhar, eu quase não tinha gastos... meu pai pagava minha gasolina, meu telefone, pagava tudo, então o dinheiro que eu ganhava era meu, e ele via que eu gastava o cheque pré-datado, e dizia: “filha, você tem que se controlar, porque algum dia eu não estarei aqui para te ajudar”.

Adiante, uma nova configuração subjetiva vai se delineando conforme Ana descreve de maneira mais ampla suas experiências no período em que era servidora

pública, trazendo sentidos subjetivos de maior acesso econômico, poucas restrições com gastos, vida social ativa e condições financeiras para arcar com suas despesas domésticas. Outro ponto importante é que durante esse momento seus pais mudaram e ela ganhou um apartamento, logo, pertencer à uma instituição militar que provia os recursos que subsidiavam sua condição de vida e gerava sensação de estabilidade e controle, antes muito vinculadas à figura de seu pai, ganhou caráter de experiência transitiva, que indicava uma transformação importante na sua vida, implicando em um período de maior autonomia na condução de sua vida financeira, que se estende até o momento atual, conforme será visto no decorrer da entrevista:

Pesquisadora: Eu te perguntei como é que passou a funcionar sua vida financeira desde que você se formou, e você disse assim: “o que me estragou foi a época que eu fui do serviço público, quando fui militar”. Então vamos resgatar essa parte do serviço militar, entender como funcionava sua estruturação financeira nessa época.

Ana: Bom, **quando eu entrei no exército, meus pais já tinham ido embora e eu já não tinha mais apoio.** Por seis meses foi muito difícil, me virava nos trinta, pagava aluguel, comecei com uma dívida... no primeiro e segundo ano, o exército pagava pouco, eu ganhava mais fora do exército, e eu tive que sair, porque naquela época o exército era período integral. Comecei a ganhar menos, mas eu sabia que teria um salário fixo, que eu podia contar e aí eu comecei a me virar para pagar as contas. Quando eu fui transferida (...) após dois anos, o salário dobrou, e eu pude trabalhar em outras clínicas, então eu ganhava muito bem, e por seis anos foi assim”.

No entanto, essa nova configuração cooperou para um gerenciamento financeiro pouco efetivo, permeado por gastos constantes, que inevitavelmente contribuíram para a aquisição de novas dívidas, aspecto reforçado na fala de Ana, que repete várias vezes ter “gastado muito” nesse período. A influência da mudança dos pais de Ana e o aumento do seu poder aquisitivo favoreceu o desenvolvimento de uma

postura inclinada a assumir maiores riscos financeiros, bem como estar susceptível a maior convívio social com amigos. Assim, novos sentidos subjetivos em torno do gastar foram se constituindo no momento em que se percebeu sem o convívio social vinculado ao seu núcleo familiar, que antes era bastante frequente, e sem o apoio financeiro que recebia de seu pai, visto que nesse momento de mudança, essas interações estavam restringidas:

Pesquisadora: Durante o período que você estava no exército, você me disse que precisou reformar o apartamento, trabalhava muito mais e também gastava muito. Como era isso?

Ana: **Eu gastava muito, muito mesmo, então os amigos convidam, e eu topava tudo, já que estava mais sozinha, me sentindo mais sozinha...** e foi quando também eu reformei o apartamento e precisei realmente trabalhar bastante... gastava muito mesmo, sem fazer economia, gastando muito, saindo, gastando muito, sempre gastando muito... muito mais do que aquilo que eu ganhava... quando eu saí do exército, recebi um bom valor ao final dos oito anos de serviço prestado. Um valor que utilizei para pagar todas as minhas contas, e me sobrou ainda para começar como se fosse do zero... reiniciando trabalhos em outras clínicas sem poder ganhar aquele outro dinheiro, mas foi um período de adaptação muito grande até eu entrar numa outra clínica que eu comecei a ganhar muito também.

Pesquisadora: Durante esse período do exército você precisou recorrer alguma vez aos seus pais ou ao seu avô para te auxiliar financeiramente?

Ana: **Eu sempre evitei de pedir**, e meu pai me supria quando ele tinha acesso à minha conta e via que estava negativa, depois que eu comecei a trabalhar e eles foram embora, meus pais, eu sempre evitei. **Agora quando eu reformei o apartamento, eu pedi o valor do piso para o meu avô.** Na época eu lembro que eu comprei uma cerâmica que era metade do preço porque aí eu paguei a mão de obra do pedreiro, então foi quando eu tive ajuda.

Ao recorrer à figura de seu avô, Ana retoma aspectos da subjetividade social do seu contexto familiar, pois procura ter acesso aos recursos financeiros disponíveis

dentro do seu próprio núcleo familiar para arcar com parte das despesas da reforma do seu apartamento. Mas em contrapartida, também realiza um movimento inédito, que consistiu em renunciar a um material de maior qualidade que desejava, optando por um de menor qualidade que a permitiria custear a mão de obra do pedreiro.

Considerando que até pouco tempo a maioria das ações voltadas para a gestão de suas finanças tinham como parâmetro a figura de seu pai, essa decisão reforça a hipótese anterior de Ana mobilizar recursos enquanto sujeito ativo de sua história, rompendo com as identificações que faz em referência à figura de sua mãe, se tornando, momentaneamente, a sua própria referência de figura de controle financeiro:

Pesquisadora: Então você abriu mão de um produto, de um bem, que tinha uma qualidade superior, que era o porcelanato, em função de poder pagar o piso e a mão de obra. É a primeira vez, desde que a gente começou a conversar, que você me diz que rompeu com paradigma de “*eu vou comprar isso, apesar de não saber muito bem como vou pagar*”. Você se lembra de, em algum momento da sua vida, ter aberto mão de uma coisa que você queria muito para ter controle financeiro?

Ana: (pausa longa) não conscientemente.

Pesquisadora: Naquele momento, lá atrás, quando você abriu mão do porcelanato para colocar outro piso e pagar a mão de obra, você se lembra de como se sentiu?

Ana: Na época, eu achei um piso muito semelhante ao porcelanato, mas não foi o acabamento que eu realmente desejaria ter em casa, eu realmente gostaria de ter tido o porcelanato, mas vendo que era meu, era uma conquista. **Eu falo que quando eu reformei, quando eu fiz as coisas no apartamento, cada coisa que ficava pronta, era uma conquista para mim, uma declaração de liberdade**, digamos assim, liberdade da independência do aluguel, da economia que eu iria fazer de não pegar meu dinheiro e pagar aluguel.

Pesquisadora: Vamos voltar nessa parte da conquista da liberdade.

Ana: Quando eu digo liberdade, eu digo liberdade financeira mesmo (...) durante cinco anos que eu trabalhei no exército, eu paguei aluguel, só nos últimos 3 anos que eu vim morar no meu apartamento. Eu mudei para cá em setembro de 2009 e saí do exército em fevereiro de 2013 (...) durante 2 anos e meio, quando eu mudei para cá, eu não tinha um centavo guardado na conta, e de repente eu me vi trabalhando em quatro clínicas, trabalhando no exército, fazendo plantão de final de semana, meio de semana, emendando trabalho de 24 horas... cada dinheiro que entrava do plantão, eu pensava “isso vai servir para pagar o pedreiro, fazer tal coisa”.

Quando questiono a participante sobre como foi vivenciar essa dinâmica, ela refere ter precisado “abrir mão da vida”, mencionando “não ter tempo, nem ânimo” para estar com seus amigos, sair ou viajar. Logo, as hipóteses de sentidos e configurações subjetivas que foram se constituindo até o presente momento vão tomando maior forma. Os sentidos subjetivos de identificação de Ana com o padrão de consumo de sua mãe surgem em oposição aos sentidos subjetivos de controle financeiro de seu pai, pois ao lançar mão de uma possível repetência, ela precisa então assumir o domínio pela gestão de seus próprios gastos, necessitando dispensar maior responsabilidade frente às dinâmicas envolvendo recursos financeiros.

Mesmo apresentando compreensão sobre estar em um contexto financeiro diferente de sua mãe, o fato de a subjetividade social do seu núcleo familiar perdurar a existência de uma figura masculina provedora, responsável pela manutenção de suporte financeiro, contribui para Ana ser susceptível a solicitar esse suporte, apesar de demonstrar em algumas ocasiões ser um sujeito ativo na construção de novas formas de lidar com sua vida financeira, o que surge, de modo significativo, no momento em que precisa reformar o seu apartamento, e nesse sentido, ora Ana dispõe de maior domínio sobre seus recursos realizando um corte de gastos, ora

mantém as despesas, aumentando sua carga horária de trabalho para suprir tais demandas:

Ana: Quando eu estava reformando o apartamento, minha vida era só pagar isso, tudo se resumia em como eu ia pagar, como ia utilizar cada dinheiro que entrasse. Chegava a fazer até três plantões por semana.

Pesquisadora: Você considera que abriu mão de muitas coisas para pagar o apartamento?

Ana: **Abri mão da vida. Não tinha nem tempo, nem ânimo. Trabalhava o tempo todo**, então, os últimos dois anos e meio no exército foram muito puxados, trabalhava muito, ganhava bem, mas tive vários gastos, e quando eu mudei para cá, passei por uma reforma que durou 3 meses. E ainda paguei a reforma por mais de um ano, até sair do exército e quitar as contas. Eu não tinha um centavo quando vim para cá, então o dinheiro que eu ganhava, foi para bancar a mão de obra e as coisas que fiz.

Pesquisadora: E como foi para você ter o seu espaço? Em um momento, você trouxe uma referência, quando disse pela primeira vez que o seu apartamento era *a sua casa*.

Ana: Foi pensar: **vou morar numa coisa minha, ter o meu canto, poder fazer na minha casa o que eu quero, tirar, colocar, pintar, arrancar, botar de novo, se assim eu quiser.**

No complemento de frases, também observamos o significado de liberdade expressado por Ana, onde **a liberdade significa:** *Não sei, mas imagino que seja ter condições de poder escolher o que você quer viver.*

Ao ter sua própria casa, Ana sugere a sensação de liberdade associada às possibilidades de fazer suas escolhas em relação a como deseja viver naquele espaço que agora lhe pertence, evidenciando que o momento no qual é capaz de decidir sobre quais direções tomar quanto aos seus recursos coincide com uma de suas experiências de maior responsabilidade, aspectos estes que contribuem para a vivência de uma liberdade relacionada ao distanciamento dos processos subjetivos

que estão na essência de uma produção dominante de sentidos subjetivos associados à incapacidade de maior controle e independência financeira.

Assim, os sentidos subjetivos de suas experiências relacionadas ao funcionamento do dinheiro em sua vida, intimamente interligados à subjetividade social de sua família, ganham novos contornos subjetivos no curso de suas novas experiências enquanto sujeito ativo na transformação de sua realidade, uma vez que os sentidos subjetivos de uma determinada experiência não se restringem a essa experiência, pois estão amalgamados com os sentidos subjetivos de outras vivências que ganham novos contornos subjetivos no curso da experiência atual (Souza & Torres, 2019).

Contudo, fica sugestionado uma ausência de maior reconhecimento desse aspecto, considerando ocasiões em que, quando questionada sobre ter recordações de outros momentos nos quais agiu de maneira semelhante, após uma longa pausa e expressão de reflexão, Ana disse: “não conscientemente”. Em outra oportunidade, também nesse primeiro momento, após perguntar se ela percebia alguma mudança em seu planejamento financeiro, desde o início de sua vida financeira como profissional autônoma, Ana refere: “posso falar que de uns tempos para cá minha fatura (do cartão de crédito) caiu 50% do valor que tinha antigamente”, atitude que denota uma mudança significativa em seu comportamento de consumo, mas que logo em seguida não ganha destaque e é colapsada por uma recapitulação de seus problemas, atravessados pelas dificuldade em ter um maior controle financeiro. Dificuldade esta que está intimamente ligada às suas vivências familiares, aspecto que indica a centralidade de sua família como uma importante fonte de sentidos subjetivos associados à essa vivência de descontrole financeiro.

5.2 Criando pontes para a emergência do sujeito

Em um segundo momento, realizo uma recapitulação do que foi conversado com Ana, que em sua fala inicial mencionou a relação de seus pais com o dinheiro, expressando de que maneira isso a afetou até o momento atual, informando gastos constantes e o acúmulo de dívidas que geralmente são supridas com o aumento da carga de trabalho, aspecto que, invariavelmente, diminui sua disponibilidade para dinâmicas de convívio social. Além disso, Ana relata que em ocasiões de maiores dificuldades, seu pai e também seu avô lhe fornecem suporte financeiro, suprimindo eventualmente suas necessidades orçamentárias.

Seu pai também lhe fornecia estratégias para tentar controlar o dinheiro, estas principalmente baseadas em sua experiência enquanto contador. No entanto, tais estratégias eram pouco eficazes para Ana, conforme menciona ter tido dificuldade em segui-las. Logo em sequência, refere um determinado período no qual seus pais se mudaram e ela precisou assumir maior responsabilidade sobre sua vida financeira, o que era desafiador, principalmente por ter desenvolvido hábitos de consumo prejudiciais sobretudo enquanto trabalhava no exército, estes que se somaram às experiências de descontrole financeiro de sua mãe, às quais refere repetir.

Após essa recapitulação, pergunto se há algo que ela queira falar e logo retomamos a discussão sobre os impactos das figuras de sua mãe e de seu pai no seu comportamento financeiro, que compõe um forte indicador da centralidade de sua família na produção subjetiva de descontrole financeiro:

Pesquisadora: Retomando esses relatos da sessão passada, há algo que queira falar?

Ana: Da época do exército ou de agora?

Pesquisadora: De tudo que a gente falou até agora.

Ana: **Que eu sou a cópia da minha mãe?!**

Pesquisadora: Me fala um pouco mais sobre essa questão do que é “ser cópia” da sua mãe para você.

Ana: **Eu falo que sou uma luta diária entre ser o perfil da minha mãe e o controle do meu pai, e a culpa que envolve a responsabilidade financeira e a vontade de ter as coisas, de gastar contando com aquilo que eu não tenho, que eu não ganhei ainda.** Quando eu saí do exército, comecei a ganhar menos, então o controle naquela época foi muito mais difícil. Acabei me vendo endividada. Até que um ano depois, eu entrei numa clínica e o meu salário praticamente triplicou de valor, **então eu comecei a fazer as mesmas coisas, gastar sem ter muito controle** e as coisas já eram muito caras. Era como se eu tivesse ganhando o mesmo, mas três anos depois, então as coisas estavam bem mais altas, ainda que eu ganhasse bem, saindo todos os dias, comprando roupas, sapatos, tudo aquilo que eu queria comprar.

Se em um primeiro momento Ana descreve o impacto de suas experiências com as finanças, delineadas principalmente pela sua vivência familiar transcorrida ao longo do tempo em que residiu na casa de seus pais, agora retoma os sentidos subjetivos relacionados à vontade de gastar sem previsão, que refere ser algo característico de sua mãe, o qual se percebe repetir, aspecto que entra em contradição com os sentidos subjetivos vinculados à figura de seu pai, associada à configuração de controle e a responsabilidade financeira. Essa dinâmica implica em viver uma “luta diária”, associada ao sentimento de culpa por ter dificuldades de romper com essa repetição. Tais aspectos evidenciam como a representação social dominante de seus pais suprimem a construção de novos processos de subjetivação, intensificando o sentimento recorrente de fragmentação de sua identidade:

Ana: Minha mãe compra muita roupa, muito sapato... minha irmã também é bem parecida, e é engraçado ver isso na minha família. **Enquanto converso com você, estou me vendo nesse contexto, é algo que eu não tinha analisado... como o contexto familiar faz com que você reproduza aquilo que você viu acontecer uma vida inteira.** Minha irmã também é assim.

Agora, no final do ano ela comprou três sapatos de uma vez só, uma ou duas bolsas, sendo que ela ganha um quinto do que eu ganho, mas na hora H, meu pai que salva ela e sempre supre os gastos.

Quando Ana reconhece que “já não tem mais esse contexto”, porém, ainda é influenciado por ele, nota-se de que maneira suas relações com a família se tornaram fundamentais para a configuração subjetiva do seu modo de consumo, ressaltando o núcleo familiar enquanto um “cenário permanente de produção subjetiva” (Gonzalez Rey, 2004b, p. 30). Assim, a partir das discussões estabelecidas anteriormente, surge a hipótese quanto à importância da família de Ana na emergência dos sentidos subjetivos cuja configuração se expressou na culpa diante à impossibilidade de desenvolver maior controle financeiro e reproduzir o hábito de consumir sem estabelecer uma previsão de gastos, implicando em um indicador de caráter afetivo dos processos que contribuíram para sua experiência de sofrimento, proveniente da dificuldade em organizar as suas finanças de forma independente.

Contudo, considerando o processo recursivo que envolve a constituição da subjetividade, não é possível resumir os sentidos subjetivos constituídos ao longo da história de vida dos sujeitos como meras ações isoladas, mas sim uma produção subjetiva viva, em que aspectos simbólico-emocionais, presentes nas experiências vivenciadas, se inter-relacionam e se integram. A família de Ana não se configura como único componente gerador desse sofrimento, colocando-a em lugar de sujeito passivo da situação, assim, maiores reflexões foram instigadas, visando criar um contexto que proporcionasse um questionamento mais aprofundado sobre de que maneira a vivência dessa repetição se estabelecia:

Pesquisadora: Em algum momento você se viu estabelecendo prioridades financeiras?

Ana: **Eu nunca fui uma pessoa ambiciosa, de ter grandes conquistas, nunca fui muito vaidosa,** mas sempre gostei de roupas boas, de ter sapatos e blusas, de chegar e comprar algo que eu gosto, então, **eu não tinha essa previsão de fazer o controle porque eu já tenho um apartamento, não tenho filho, não tenho uma vida que exige necessidade de controle, sou eu por mim mesma.**

Pesquisadora: Por que você acha que não tem uma vida que exige necessidade de controle?

Ana: Tipo assim, **“você não pensa no seu futuro”**, é uma coisa que às vezes eu me puno por isso, fico pensando **“gente, eu não vou aposentar” e, ao mesmo tempo, eu fico pensando que eu tenho herança.** Se eu pago uma aposentadoria, pode ser que na época que eu vá me aposentar, seja a mesma época que eu vá receber minha herança. Eu não fico pensando no dia do amanhã, se eu vou viver, se eu não vou viver, se eu vou ter necessidade daqui há 20 anos de juntar dinheiro para viver daquilo. **No fundo, eu sei que tem isso por trás de mim, um certo capital que foi construído pelo meu avô, pai da minha mãe, que está sendo mantido pelo meu pai, mas que eu penso que tenho isso e eu sei que tenho isso.**

Nessa fala, Ana expressa indicadores importantes, que demonstram de maneira mais específica como os sentidos socialmente produzidos pelo seu núcleo familiar foram compondo o modo como ela vivencia a sua relação com as finanças e se desdobram em sentidos subjetivos singulares, que se tornam elementos de sua subjetividade individual, expressos nas falas: “nunca fui ambiciosa”, “você não pensa no seu futuro”, “no fundo, eu sei que tenho isso por trás de mim, um certo capital”. Em continuidade de sua fala, relata:

Ana: Isso é uma coisa que eu ouvi a minha vida inteira: **“você tem herança”**. Minha mãe fala: “você vai ter a herança dos seus pais, você vai ter a herança dos seus avós”. E meu pai também fala: “eu estou montando, fazendo o que posso, estou cuidando porque vai ser a herança de vocês, sua e da sua irmã”.

Pesquisadora: No complemento de frases, você colocou “**eu sou: despreocupada**”. Isso tem a ver com essa questão que estamos falando, sobre ver o futuro sem tanta preocupação?

Ana: Eu acredito que sim.

Nesse sentido, a compreensão de nunca ter sido ambiciosa se expressa em um padrão de consumo que dificulta o acúmulo de capital, uma vez que Ana relata investir a maior parte de seus recursos financeiros em pequenos bens, que somados, afetam sua renda consideravelmente, pois “por trás” desse aspecto, existe o reconhecimento de que há um patrimônio familiar a ser herdado por ela e também por sua irmã, assim, independente das circunstâncias, sabe que existem recursos disponíveis a serem utilizados quando necessitar, apesar de ter dificuldades em pedir.

Quando afirma ter uma vida que não exige necessidade de controle, sua ação indica estar associada ao entendimento de que os recursos financeiros que lhe faltam estão presentes na herança de sua família. Logo, o sentimento de culpa que envolve a dificuldade de manter uma responsabilidade financeira é contraposto pelo sentimento de segurança financeira proveniente desse capital familiar, que se sustenta tanto no momento atual, quanto em perspectivas sobre o seu próprio futuro.

Essa alteridade não transposta indica um conflito significativo que prejudica o surgimento de novas produções subjetivas, uma vez que o auxílio de sua família a preserva do custo de desenvolver novas habilidades para lidar com o endividamento, suprimindo a expectativa de deter controle sobre suas finanças. Ao buscar confrontar essa questão, pergunto:

Pesquisadora: E o que você pensa sobre construir o seu próprio patrimônio?

Ana: O ano passado e o ano retrasado, eu tive uma dívida, entrei no curso de especialização, isso foi uma coisa que gerou para mim uma conta muito alta, porque embora eu gastasse muito, eu não tinha dívida. E foi quando eu entrei no curso de especialização sem ter um centavo. **Na época, eu era**

funcionária da minha atual sócia, mas ela sabia que eu sempre tive vontade de montar um consultório. E se um dia fosse montar, seria com ela, não queria ter montado com outra pessoa. **Daí quando surgiu uma oportunidade, montei o consultório. Eu não tinha um centavo para comprar essa clínica, mas eu sempre tive o apoio de uma grande amiga minha. Ela sempre disse que se fosse para montar, ela me ajudaria, me emprestaria o dinheiro.** Eu nem tinha noção do valor que eu devia para ela até um dia sentar com uma pessoa e ela me mostrar que aquela era a minha dívida.

Ao abordar o assunto de desenvolver o seu próprio patrimônio, Ana refere a aquisição de uma dívida para montar o seu consultório, relatando ter recebido esse empréstimo de uma amiga sua, além de ter iniciado um curso de especialização profissional como parte de um investimento para aperfeiçoar o seu trabalho e assim aumentar a sua agenda de trabalho. Nota-se que as maiores responsabilidades financeiras de Ana se deram após ela se formar e dar início à sua atuação efetiva no mercado de trabalho, especificamente no momento em que seus pais se mudaram e ela adquiriu seu apartamento, aspecto que contribuiu para a tomada de maiores decisões a respeito de suas escolhas pessoais, uma vez que já não compartilhava do espaço de convívio familiar e, portanto, estava menos susceptível ao controle social de seu pai e de sua mãe.

A decisão por investir no âmbito do trabalho autônomo também reflete esse aspecto, uma vez que ter o seu próprio consultório junto de sua sócia denota a possibilidade de ter um vínculo profissional mais horizontal e amigável, sem excessivas regras institucionais pré-estabelecidas. Ambas questões sugestionam a hipótese de Ana buscar estar em contextos em que a imposição de maiores limites se fizessem menos presentes, em uma tentativa de ser sujeito de suas próprias decisões, estas, por muitas vezes, colapsadas principalmente pela subjetividade social de seu

contexto familiar. No instrumento de complemento de frases, essas questões ficam ressaltadas:

Minha família é: Dona da verdade.

Meu pai representa: O esteio da família e pagador das contas.

Minha mãe representa: O general e gastadora do dinheiro.

Eu sou uma profissional autônoma pois: Não gosto de ter chefe.

O mercado econômico exige: Um bom profissional para te ajudar.

O dinheiro é: Para gastar.

O controle implica em: Ter menos felicidade.

O “gastar” assume o lugar de agir sem “controle”, porque o “controle” supõe estar sob o domínio de certas imposições, associadas às palavras “chefe” e “general”, condição que significa “ter menos felicidade”. Em situações já descritas anteriormente, Ana menciona a dificuldade de seguir os conselhos de seu pai no período em que ainda morava com ele, quando diz que por algum motivo acha que não controlava suas finanças por se sentir forçada a fazer esse controle, situação que lhe fazia sentir um “verdadeiro pavor”.

Assim, a “herança” familiar reflete a segurança do suporte financeiro, mas também implica na redução das oportunidades de se relacionar com o dinheiro de uma maneira singular, questão que também acompanha a certeza de que se enfrentar maiores dificuldades financeiras, sabe que seu pai poderá ajudá-la, uma vez que a subjetividade social de sua família mantém a figura dele como “esteio da família e pagador das contas”, que pode utilizar o capital financeiro para resolver os problemas de sua mãe, de Ana e de sua irmã, pois ele é o maior responsável pelo controle das finanças e frequentemente as “salva” de situações de instabilidade:

Ana: Eu poderia pedir um empréstimo, que geraria mais custos, ou eu poderia pedir para alguém me ajudar. **Esse alguém que eu poderia recorrer e pedir era o meu pai, só que para mim soou como uma vergonha, um fracasso,**

sendo eu uma pessoa desestabilizada e isso me doeu profundamente, enxergar que eu estava fazendo as coisas sem nenhum planejamento de novo. Incrível como sou assim! Eu pagava a mensalidade do curso, mais o material de cirurgia, fora os gastos que eu tinha, de prestação do carro, de consumo para viver: água, luz, alimentação, combustível e telefone... são coisas que geram gastos em cima de gastos, então eu estava com uma conta que não estava batendo em relação ao que estava ganhando, com uma dívida mensal muito maior, muito alta. E para completar tudo isso, eu ainda saí da clínica, onde eu ganhava bem, para hoje em dia ganhar menos da metade do que eu ganhava lá. Então é um processo que eu ainda estou tentando me organizar.

Pesquisadora: Quando você fala sobre como se sentiu, sobre ter doído se ver nessa situação, como foi isso para você?

Ana: **Doeu porque eu me senti fracassada, não enquanto profissional, mas doeu por não ter controle sobre os gastos. Então, tinham coisas que eu poderia ter feito para evitar isso, como um planejamento, mas ao mesmo tempo eu também penso que se eu não tivesse feito tudo isso eu também não seria especialista hoje.** Não teria feito o curso, mas também não teria me endividado com a clínica, estaria lá no meu outro emprego. Ao invés de comprometida financeiramente, estaria pagando muito bem as contas. **O que mais** pesou foi ter saído dessa clínica. Saí porque lá não estava legal, não estava me sentindo bem. **Poderia ter engolido tudo, mas eu não estava feliz, então eu tentei trabalhar com tranquilidade, sem peso, em um ambiente que me proporcionasse satisfação.**

Em sua fala, Ana ressalta os sentimentos de vergonha e fracasso configurados em sua dificuldade de realizar um planejamento financeiro, mencionando ser uma “*pessoa desestabilizada*”, aspecto que intensifica na afirmação “*Incrível como eu sou assim!*”. Nesse sentido, também refere a dor que sentiu ao “enxergar que estava fazendo as coisas sem nenhum planejamento de novo”, se percebendo novamente em uma repetição da problemática. Esses elementos são importantes para compreender que sua dificuldade em desenvolver maiores condições de controle

financeiro e solicitar a ajuda de sua família (especificamente de seu pai, e como já visto anteriormente, também de seu avô) é sua maneira recorrente de lidar com a situação, e que não está presente apenas nesse contexto específico, mas configurada em sua história de vida e sentida como parte de sua identidade, associadas a expressões subjetivas de incapacidade e sofrimento.

Aqui, o controle financeiro é visto como algo externo, a ser desempenhado por alguém de “fora”, uma vez que a emergência de uma configuração subjetiva geradora de sentidos subjetivos que se expressam na vergonha e no fracasso vinculados à característica de solicitar ajuda em situações recorrentes acentuam um processo subjetivo que suspende maiores possibilidades de gerar novos recursos de enfrentamento da situação. No complemento de frases, podemos observar:

Sei que: Sou desorganizada com dinheiro e preciso aprender a me controlar.

No passado aprendi: Que sou igual minha mãe e sempre espero alguém vir me salvar com as contas.

As mudanças são: Necessárias, principalmente em relação à forma como lido com o dinheiro, mas são muito difíceis para mim.

Às vezes repetimos porque: É difícil mudar.

Tendo por base o referencial teórico do presente trabalho, compreende-se a importância da criação de um espaço de diálogo que reconheça o outro a partir de suas próprias particularidades e contradições, favorecendo, portanto, a abertura de alternativas e a emergência do outro enquanto sujeito. Logo, semelhante ao questionamento que fiz no primeiro momento para Ana, a respeito dela se recordar de em algum outro momento de sua vida ter aberto mão de uma coisa que ela queria muito para ter controle financeiro, parecido como fez na ocasião em que priorizou investir em seu apartamento, pergunto sobre como foi o processo de abrir o seu próprio espaço após sair da clínica na qual trabalhava, considerando que um dos

pontos principais para essa decisão se pautou na sensação de que seu ambiente profissional anterior não estava lhe proporcionando maior sensação de bem-estar, além de igualmente buscar entender como se deu a ajuda financeira que recebeu de uma amiga para abrir seu próprio negócio, afim de identificar se de alguma forma ela reconhecia essa situação com similaridade frente a sua dinâmica familiar:

Pesquisadora: Tem alguém da sua família que já abriu um negócio próprio, abrindo mão de um emprego estável, em razão de ter tranquilidade emocional?

Ana: Se teve ou tem, eu desconheço.

Pesquisadora: Seguindo nessa questão que você estava me dizendo, doeu quando você percebeu sobre a dívida e então você recorreu ao seu pai. Qual foi a sensação quando ele proveu esses recursos para te ajudar nos custos?

Ana: **Um misto de alegria, medo de não conseguir fazer jus ao empréstimo. Empréstimo não, porque ele me deu o dinheiro. Um alívio e um pânico de ter novas dívidas.** Naquele momento eu tive medo de sentar e pedir. Será que eu vou conseguir, dessa vez, não me endividar? **Eu tive esse medo, mas a sensação, no final das contas, foi de alívio.**

Pesquisadora: E você comemorou essa conquista, de alguma forma?

Ana: Não. **Eu paguei as contas e comecei do zero.** Vez ou outra os gastos aparecem, surgem contas e ganho menos do que o previsto, **mas eu posso falar que de há um ano, tenho me planejado melhor.** Vez ou outra destoa, mas as contas estão em dia, estão sendo pagas. Sobrar não sobra, **mas eu posso dizer que minhas contas estão pagas, sem dívidas.**

Pesquisadora: Você também falou de uma amiga que te ajudou a montar sua clínica. Me fala um pouco mais como se deu esse processo, dessa figura aparecendo na sua vida dando suporte financeiro e se você vê alguma similaridade nisso, entre a sua relação com o seu pai, a relação de sua mãe com o seu avô.

Ana: Não, não vejo. **Minha mãe sabia que não tinha uma dívida com meu avô, ela era filha, ela ganhava. Com essa minha amiga, ela me emprestou o dinheiro e é algo que para mim fica sempre em primeiro lugar, pensar**

que eu tenho que pagar. Como? Ainda não sei, tenho pagado as contas, fazendo cálculos para diminuir despesas. **Ainda não ganho o suficiente para juntar dinheiro, mas sei que preciso fazer isso, então, é diferente.**

Visando contribuir para uma maior apropriação desse espaço dialógico como um veículo pelo qual a emergência de sentidos subjetivos singulares pudesse se expressar e integrar componentes de sua subjetividade individual, busco incentivar uma reflexão crítica e assumida de quais outras diferenças Ana visualiza em contraposição à imagem de sua mãe e também de outros membros de sua família, uma vez que os sentidos subjetivos relacionados à experiência de reproduzir comportamentos socialmente disponíveis em seu núcleo familiar possuem forte caráter afetivo diante sua experiência de descontrole financeiro, configurados nas contradições “um misto de *alegria (...)* *alívio* e um *pânico* de ter novas dívidas”, “o *medo*, mas a sensação, no final das contas, de *alívio*”:

Pesquisadora: E o que mais você vê que é diferente entre vocês?

Ana: Eu não casei, não tive filhos, e mesmo assim saí de casa. Acho que também (longa pausa) eu tenho o meu próprio negócio. **Diferente do meu pai, que cuida do patrimônio do meu avô. E diferente da minha mãe, mesmo que eu tenha muita dificuldade de fazer isso, eu tento reduzir meus gastos, minhas dívidas, e tenho conseguido. Eu sei que devo minha amiga, mas em algum momento eu vou resolver. Ela só me emprestou esse dinheiro porque acreditou no meu crescimento. E eu me vejo como uma boa profissional,** levo muito a sério o que faço e busco sempre fazer tudo bem criteriosamente.

Ao expressar essas diferenças, Ana denota que ter seu próprio negócio está associado a sentidos subjetivos configurados na experiência de maior autonomia e menores imposições sociais, que contribuem para uma sensação de maior bem-estar e tranquilidade emocional presentes no seu ambiente de trabalho, apesar de maiores

responsabilidades financeiras, semelhantes à época em que precisou ir morar sozinha e reformar o seu apartamento.

Outro indicador em evidência é a dedicação significativa dada por Ana aos seus projetos de trabalho, aspecto refletido ao longo do curso de sua história desde que se formou no ensino superior e começou a exercer a sua profissão, evidenciando o valor significativo que essa dimensão possui em sua vida. No complemento de frases, ela coloca que **estrutura é: ser independente**, e que **o trabalho requer: atenção e perícia**, logo, ter seu próprio espaço para o exercício de suas atividades laborais também é uma forma de emancipação e validação de sua autoestima (“e eu me vejo como uma boa profissional, levo muito a sério o que faço e busco sempre fazer tudo bem criteriosamente”), atravessadas pela necessidade de aperfeiçoar constantemente habilidades específicas, condição esta que demanda tempo. Assim, buscando entender melhor de onde partiu a decisão de abrir a clínica, questiono:

Pesquisadora: Me conta como é que foi tomar essa decisão de montar a clínica e aceitar o suporte da sua amiga para fazer isso.

Ana: Por muitos anos, eu comentava com uma amiga, que eu tenho como irmã, que se eu montasse uma clínica, eu montaria com a **Julia**, a minha atual sócia, e eu já trabalhei para ela, então sei que ela trabalha bem, sei que ela é honesta e se eu fosse montar seria com ela. Sei que ela sabe como funciona uma clínica e sei que ela tem muitos pacientes, e se um dia eu tivesse coragem de montar, seria com ela. Um dia, quando a Julia se separou do marido dela, foi quando a **Luísa** me respondeu sobre a abertura da clínica e a ajuda financeira que poderia dar. Quando a Julia chegou para mim, após a separação, estava desesperada, não estava ganhando bem. Eu falei para ela que tinha uma amiga, a Luísa, e falei sobre a contribuição que ela faria se a gente quisesse montar uma clínica. Disse que ela podia pensar e eu conversaria com ela. Isso aconteceu em junho. Em agosto, a Julia me chamou e aceitou a proposta e aí a Luísa me emprestou o dinheiro para a clínica.

Nessa época, eu já arqueei com as contas do curso e montei a clínica, contando com a reforma, equipamentos, essas coisas.

Pesquisadora: E por que você acredita que a sua amiga investiu nesse projeto?

Ana: **A gente sempre se tratou como irmãs, como se a gente tivesse uma conexão espiritual.** Eu sei que tenho essa dívida com ela, **mas fico feliz dela me ver como essa amiga em quem ela pode confiar, fico feliz de saber que ela acreditou em mim e no meu potencial, de que eu sou capaz de fazer.** Já fazem dois anos e ela fala “não se preocupe”, sempre essa resposta.

Nesse trecho, Ana expressa a conexão espiritual e o tratamento de irmãs para com Luísa como sendo algo consideravelmente importante, evidenciando que nessa relação de amizade existe um espaço social onde uma experiência de valoração pessoal é vivida, pois aqui menciona a confiança que sua amiga deposita nela, no seu potencial, no que ela é capaz de fazer. O suporte financeiro aqui ganha caráter de investimento e possibilidade de crescimento, enquanto pedir emprestado para o pai se configura como um gasto e está inerentemente vinculado a sentidos subjetivos de incapacidade e descontrole financeiro, como visto anteriormente.

Nota-se, então, um rompimento com a visão hegemônica de ser a questão econômica resumida a um aspecto monetário, pois que esta envolve também o campo simbólico-emocional, já que a depender dos sentidos e configurações subjetivas vinculadas à experiência em questão, novos contornos e composições são possíveis de serem delineadas. Além disso, Ana também menciona que em se tratando dessa dívida em específico, existe um compromisso de quitação do débito, o que sinaliza um movimento singular de autoresponsabilização que não é vivido em seu contexto familiar. Logo, pergunto para Ana como ela planeja lidar com essa situação, visando a construção de um espaço de maior reflexão sobre:

Ana: **Eu planejo pagar**, mas primeiro preciso pagar totalmente as minhas contas. Eu ainda não tenho dinheiro sobrando para pagar a clínica. **Talvez falte planejamento.**

Pesquisadora: E o que você acha que você precisa fazer?

Ana: **Conter minhas vontades financeiras**, por exemplo, chegar numa loja e não comprar três pares de tênis, aconteceu uma situação assim há pouco tempo. **Um dia desses minha irmã fez algo parecido também. Eu e ela somos meio parecidas com a minha mãe nesse sentido.**

Pesquisadora: E para ser diferente nessas situações, o que você acredita que seria possível fazer para ter um planejamento financeiro? Um planejamento que faça sentido para você.

Ana: Acho que **pensar na média do que eu ganho e dos gastos que tenho, incluindo o pagamento da dívida que eu tenho com a Luísa, equilibrar mais isso.**

Pesquisadora: E existe alguma dificuldade que você observa para não fazer isso nesse momento?

Ana: Eu não sei responder. **Como eu cresci praticamente mantida pelo meu pai até os 30, 29 anos, e ele sempre controlou isso para mim**, e eu também sei que por mais difícil que seja pedir ajuda, que é uma coisa que eu não gosto de fazer, **eu sei que ele pode fazer isso para mim, porque eu não sei fazer.**

No complemento de frases, Ana expressa:

Um medo: Ter dívidas que não possa pagar.

As dívidas são: Como vírus, aparecem em todo lugar.

Pedir ajuda é: Difícil, mas muitas vezes a única salvação.

Ao falar sobre quais recursos utilizar para lidar com a situação de endividamento, Ana demonstra a tensão entre a tentativa de gerar novos sentidos subjetivos configurados na experiência de autogestão e a produção dominante de incapacidade de controle financeiro, retomando a narrativa de repetir o comportamento de sua mãe, estendendo essa experiência para sua irmã. As dívidas são vistas como um “vírus”, algo que aparentemente “contagiou” sua mãe e se

estendeu para ela e sua irmã. O “medo” de ter dívidas que não possa pagar é superado pelo ato de pedir ajuda recorrente ao seu pai, porque ainda que seja difícil, muitas vezes esse recurso é sua “única salvação”. Assim, essas expressões retomam aspectos da subjetividade social de sua família, evidenciada pela presença maciça de um contexto desfavorável a construção de estratégias singulares de planejamento financeiro. Em continuidade à reflexão anterior, Ana exprime:

Ana: Eu não sei se isso chega a **ser um privilégio ou se é uma muleta**. Digamos assim, que **no meu mais alto desespero, eu sei que tem sempre alguém ali para me apoiar, é um privilégio**. Mas, ao mesmo tempo, **fico como uma criança mimada, sempre tem alguém passando a mão na cabeça, protegendo, e isso para mim é ruim**.

Pesquisadora: Quando você diz “criança mimada”, o que isso significa para você?

Ana: Quando eu falo, **é sobre comprar para saciar aquela vontade da criança mimada**, por exemplo, eu tenho roupas iguais, tenho três calças iguais. Eu compro roupas iguais e eu fico me perguntando se eu preciso. Mas às vezes eu quero uma de cada cor, do mesmo modelo.

Pesquisadora: Por quê?

Ana: **Talvez um perfil de acumulador, de acumular coisas, de ter coisas, é uma luta. Minha mãe, por exemplo, compra muitas umas coisas, mas se livra de outras. Meu pai já é aquele que compra e guarda, e eu tenho um pouco de cada um**. Por exemplo, minha mãe tem coleção de camisa branca, várias. De modelos diferentes. Mas à medida que ela não usa, ela vai doando. Já o meu pai tem uma de cada e quando compra algo novo, ele não sabe se desfazer da antiga. **Talvez eu tenha esse perfil de gastar sem precisar, mas também não sei me desfazer do antigo. Queria que isso fosse diferente**.

Essa síntese entre ter um “perfil de gastar sem precisar, mas também não se desfazer do antigo”, associada ao fato de “ter um pouco de cada um (um pouco da

mãe e um pouco do pai) indica a presença de sentidos subjetivos configurados na experiência de indiferenciação do seu padrão de consumo do padrão de seus pais, uma vez que planejar gastos implica a criação de limites frustrantes, difíceis de serem sentidos pela “criança mimada” que “sempre tem alguém passando a mão na cabeça, protegendo”, e comprando com base no desejo de “saciar aquela vontade”. No complemento de frases, essas questões também são observadas nos seguintes componentes:

Tenho vontade de: Ser rica, com dinheiro infinito para gastar.

Tenho coragem para: Gastar sem pensar nas consequências (risos).

Uma dificuldade: Parar de comprar por impulso.

Um objetivo: Parar de comprar por impulso.

O excesso pode: Levar ao adoecimento, dor, sofrimento, dívidas.

Pesquisadora: Você antes trouxe a reflexão sobre precisar se planejar para começar a impedir novas dívidas de surgirem e começar a sobrar dinheiro. Como isso soa para você agora, depois do que a gente conversou hoje?

Ana: **Soa como acordar para realidade, porque tirar coisas que a gente gosta às vezes dói. É uma dor não-física, mas posso dizer que o gasto é um vício, como aqueles que as pessoas têm em açúcar, no carboidrato, em drogas... O vício é aquela sensação de saciar a sua vontade, ter aquilo na hora e depois não dar mais valor, e eu acabo tendo o que quero, inclusive mais do que preciso e suporte.**

As expressões “dinheiro infinito”, “gastar sem pensar nas consequências (risos) e “parar de comprar por impulso” se correlacionam e fortalecem os indicadores que foram emergindo ao longo da dinâmica conversacional, associados à configuração subjetiva de incapacidade de autorregulação financeira. “Acordar para a realidade” sinaliza a necessidade de aceitar que, apesar de existir a possibilidade de seu pai ou de seu avô fornecerem essa regulação externa através da disponibilização

de suporte financeiro, o excesso de dívidas associado ao acúmulo de bens se configura enquanto uma experiência de dependência e vício, vinculada aos sentidos subjetivos de dor-não física, adoecimento e sofrimento, produtores de intenso mal-estar psicológico e sentido nas variadas situações nas quais essa incapacidade torna-se evidente.

As tentativas recorrentes de Ana aperfeiçoar a gestão de seus recursos financeiros indicam a necessidade de produzir novos processos de subjetivação que proporcionem uma experiência de maior segurança e estabilidade financeira, conquistada com base em seu empenho pessoal, questão que resulta na necessidade de se dissociar da dependência inerente ao suporte financeiro dado pelo seu contexto familiar, bem como das referências de consumo prejudiciais que também estão vinculadas à subjetividade social de sua família, uma vez que tais aspectos se correlacionam com a sua experiência de incapacidade, devido não conseguir se enxergar como alguém capaz de se “controlar” em relação aos gastos supérfluos.

5.3 Autorreferência para trilhar novos caminhos

Após algumas discussões importantes, ocorridas no encontro anterior, estas evidenciadas pelo aprofundamento de uma reflexão crítica e assumida de sentidos e configurações subjetivas associadas à experiência de Ana de descontrole financeiro, e diversas tentativas de construir um cenário propício ao fortalecimento de novos processos de subjetivação relacionados ao enfrentamento da problemática consumo-endividamento, começo o terceiro e último momento da pesquisa evocando espaço para a emergência de Ana enquanto sujeito ativo e construtor de suas próprias estratégias, assim, novamente questiono quais são os recursos Ana vem utilizando para lidar com a situação:

Ana: Tentando me controlar, mas ainda assim, dando umas derrapadas.

Pesquisadora: Me explica o que você quer dizer com tentando se controlar e dando algumas derrapadas?

Ana: Tentando me controlar, pois minha conta está em dia, no banco não tem nada vermelho, e as derrapadas, **porque às vezes eu estou comprando sem fazer o planejamento financeiro.** Por exemplo, **comprando coisas em quantidades que eu não preciso.** Estou tentando me controlar a respeito de cada gasto, pensar "não vou gastar, não posso comprar". **Tentar fazer esse controle, eu digo que é mentalmente mesmo, eu sou ansiosa, extremamente ansiosa. Então, muitas vezes, com os meus anseios, eu acabo me dando essas coisas de presente, coisas que me deixam um pouco mais feliz no momento.**

Pesquisadora: No complemento de frases, você disse que “**comprar me faz:** ser a pessoa mais feliz naquele momento”, e “**o que me faz feliz:** comprar sem pensar que o boleto do cartão de crédito vai chegar”. Quando você fala feliz, o que seria esse “feliz”?

Ana: **Feliz porque naquela hora eu paro de pensar no futuro, estou sempre tentando parar de pensar muito sobre isso.** Se eu vou conseguir fazer o que eu preciso fazer, se eu não vou conseguir, se eu vou ter novas dívidas, se eu não vou ter novas dívidas... **ai eu sempre acabo comprando.**

Nesse sentido, Ana expressa sentidos subjetivos associados ao ato de comprar, configurados na experiência de felicidade proporcionada pela sensação de “alívio por não pensar”, principalmente no que se refere a ter ou não novas dívidas, assim, surgem indicadores sobre o ato de comprar emergir enquanto um recurso para lidar com a ansiedade diante das incertezas sobre o seu futuro financeiro, aspecto que conflita com sua tentativa de se planejar melhor, uma vez que “sempre está tentando parar de pensar muito sobre isso” e “sempre acaba comprando”. Buscando confrontar essa tensão, pergunto como ela gostaria que fosse o seu futuro financeiro:

Ana: **Eu penso que existo muito na minha parte profissional, e disso vem uma frustração, porque parece que eu invisto e não está gerando o**

resultado esperado. Eu falo isso em relação a pacientes, porque minhas contas são pagas pela minha agenda cheia. **Então é aquela luta: o que faz encher minha agenda? Porque não é falta de qualificação profissional, eu tenho comprado cursos, investido na minha formação e estrutura, mas continuo obtendo poucos resultados.** Mas observando a vida futura, **eu me vejo como uma profissional de alta qualidade,** ganhando bem e cobrando bem dos pacientes, pagando minha dívida com a Luísa, tendo menos restrição de gastos... porque isso é muito difícil para mim.

Pesquisadora: Por qual motivo você acha que restringir nesse sentido é difícil?

Ana: **Eu não posso me endividar mais do que já me endividei,** porque eu já não estou conseguindo pagar essa dívida (referência à dívida que tem com sua amiga Luísa). Não é uma dívida que está me gerando juros, e de certa forma, isso me deixa acomodada, mas é uma dívida que eu sei que eu tenho e preciso pagar. Mas pagar como? **Eu faço curso, estudo, me mantenho atualizada. E aí vem a frustração de chegar no consultório e encontrar a agenda vazia, chegar no final do mês, olhar o saldo final... não é isso que eu quero ganhar.**

Pesquisadora: E como você se sente diante dessa frustração com o consultório?

Ana: Como eu disse, tem o desespero, mas também **tem uma certa impotência, porque tem coisas que não dependem só de mim, porque se dependessem só de mim seria bem diferente.** E olha, você sabe, existem vários dentistas com os mesmos problemas que eu.

Ao abordar a questão de não estar obtendo os resultados esperados com a clínica, apesar de fazer cursos, estudar, e se manter atualizada, Ana aborda as implicações subjetivas associadas a uma configuração de trabalho autônomo, na qual diversos determinantes econômicos, políticos e sociais se fazem presentes, uma vez que, apesar de se visualizar futuramente enquanto uma profissional de alta qualidade, que investe em qualificação e também em estrutura, reconhece que existem condicionantes que “não dependem só dela”. Dessa forma, sua experiência indica a

concepção de que apesar de se dedicar e “existir muito na sua parte profissional”, isso não é o suficiente, fator que gera frustração, pois não é o que gostaria de receber em retorno diante do seu significativo investimento pessoal. Logo, esses aspectos vão compondo parte da sua subjetividade individual, configurada na vivência de comprar para lidar com essa frustração e acabar se endividando.

Observa-se, então, a presença da recursividade entre subjetividade individual e social quando Ana expressa que se as “coisas pudessem depender só dela, seriam bem diferentes”, evidenciando indicadores que refletem a contradição entre ter maior autonomia sendo dona do seu próprio negócio e de certa maneira estar sob a hegemonia do mercado, inerente ao sistema capitalista de produção, quando informa que “existem vários dentistas com os mesmos problemas” que os dela. Assim, visando compreender quais recursos Ana poderia desenvolver nesse contexto para transpor essa condição de aprisionamento, retomo histórias que ela mesma narrou em ocasiões anteriores, onde construiu caminhos para modificar sua realidade financeira:

Pesquisadora: Lá atrás, em um dos nossos encontros, você havia me dito que seu avô te deu o dinheiro para pagar o valor equivalente ao porcelanato do piso do seu apartamento, mas nessa época você preferiu comprar um material mais econômico para conseguir economizar e assim pagar o piso e a mão de obra, gastando menos para se adequar à sua realidade financeira. Também conversamos sobre você ter diminuído seus gastos com o cartão de crédito e ter reduzido outras dívidas. Pensando nos recursos que você tem atualmente, de que forma você poderia organizar suas finanças, a ponto de que começasse a ter uma vida financeira mais confortável?

Ana: Planejar, analisar, fazer o total que eu ganho, o total que eu gasto, separar por despesas, e isso é uma coisa que eu não faço e, queira ou não, eu faço isso num montante. O saldo está lá, eu olho o saldo do cartão, vai dar tanto esse mês, eu tenho mais ou menos o total, então dá para gastar. **Ultimamente eu tenho feito isso, o que eu não fazia antes.** Mês passado,

eu ganhei xis, eu devo ganhar xis esse mês também. **Eu olho para quanto eu vou ganhar hoje em dia, quanto mais ou menos vou fazer na clínica, já que lá eu ganho uma porcentagem. Assim, dá para calcular e pagar as contas**, mas eu não recebo o suficiente para sobrar dinheiro.

Em um primeiro momento, Ana indica as capacidades de “planejar e analisar”, “fazer o total que ganha e o total que gasta” e “separar por despesas” como sentidos subjetivos componentes da configuração subjetiva de organização financeira, enquanto meios para ter uma vida financeira confortável. Dentre elas, refere fazer uso de alguns recursos descritos, quando, por exemplo, realiza uma espécie de previsão sobre quanto receberá e o quanto poderá gastar, afirmando que apesar de não conseguir fazer com que sobre dinheiro, consegue pagar suas contas e ficar sem dívidas.

Desse modo, evidencia-se o cenário de pesquisa como um espaço de construção onde demonstrar a efetividade das próprias estratégias de Ana se torna possível, colocando em evidência a marca temporal vigente em “eu *tenho* feito isso, o que eu não *fazia* antes” como demonstração de desenvolvimento de habilidades no curso atual de suas experiências, estas que sinalizam a produção de novos processos de subjetivação relacionados a uma maior capacidade de gestão financeira.

Tais análises, presentes “na qualidade da informação, no lugar de uma palavra em uma narrativa (...) na forma como se utiliza a temporalidade, nas manifestações gerais do sujeito” possibilitam a produção de maiores indicadores de sentidos subjetivos que fortalecem as hipóteses vistas anteriormente, nas quais Ana emerge enquanto sujeito ativo na modificação da sua própria realidade (González Rey, 2005, p. 116).

Já retomando a problemática de não conseguir fazer com que sobre dinheiro, novamente questiono Ana, levando em consideração a sua resposta “**sonho um dia**

poder: ter sempre dinheiro sobrando na minha conta”, descrita no instrumento de complemento de frases:

Ana: Sim, de certa forma, sonho que me sobre dinheiro, não me falte.

Pesquisadora: E quais seriam as possibilidades que você visualiza para não precisar se preocupar com essa falta?

Ana: **Me conter**, talvez, na hora de entrar numa loja e levar duas, três, cinco peças, me conter e levar uma só. **Não comprar o que eu não preciso realmente. Eu tenho esse perfil de comprar e comprar uma quantidade maior do que preciso.** Por exemplo, eu gosto muito de óculos, devo ter uns 25 óculos de sol. **Ontem quase comprei outro, mas me contive. Eu não precisava.** Eu saí do lugar, respirei, falei “não vou voltar”, mas às vezes é muito difícil, porque fica na minha cabeça, martelando, querendo aqueles óculos e assim serve para outras coisas também. **Às vezes eu compro, mas ontem, de alguma maneira, eu não quis. Fiz o possível, analisei os contras e consegui não comprar.**

Nessa condição, o espaço de pesquisa torna-se um ambiente no qual Ana pode construir sentidos subjetivos singulares que rompem com processos de subjetivação dominantes, onde se vê como incapaz de manter maior controle financeiro, relatando uma situação na qual conseguiu “analisar os contras” e “não comprar” e acabar tendo uma quantidade de itens maior do que precisa, rompendo com o que denomina de “perfil de comprar”, também visto em momento anterior como “perfil de acumulador”, ao fazer uso da contenção com gastos como uma forma de conseguir guardar dinheiro. Adiante, Ana também discute de que maneira chegaria a um lugar de maior equilíbrio financeiro:

Ana: Em primeiro lugar, hoje, eu fico pensando: “respira, pense”. **Pensar e não agir por impulso.** O impulso, eu falo que pode ser um dos maiores responsáveis, **igual uma criança que olha um brinquedo novo e diz que quer, insiste, faz birra e o pai compra. Talvez eu tenha sido, mesmo**

adulta, essa criança comigo mesma, de ficar mentalmente dando birra, ir lá e comprar para mim. **De não entender que existem limites, igual quando a gente é adolescente. Então, respirar e pensar se eu realmente preciso. Porque tem certas coisas que só a gente mesmo pode fazer. Em segundo lugar, lembrar que eu tenho contas para pagar.** Eu acabei de adquirir isso e eu não posso ter esse gasto extra. **Por último, talvez não exatamente nessa ordem, mas é muito importante saber quanto eu ganho, quanto eu realmente ganho.** O mínimo, uma média, para que eu possa realmente fazer as contas. **Pensar, respirar e não seguir os meus impulsos.**

Na condição de refletir sobre esses aspectos, Ana identifica a importância de se responsabilizar sobre suas próprias ações, reconhecendo o ato de “pensar e não agir por impulso”, não ser igual a “criança” que “olha um brinquedo novo e diz que quer, insiste, faz birra e o pai compra”, ou a “adolescente”, que “não entende que existem limites”, “tampouco “a adulta” que continua sendo “essa criança consigo mesma”.

É interessante perceber que essas frases fazem alusão ao seu próprio contexto, uma vez que nesses estágios da sua vida, ela ainda morava com seus pais e vivenciava esse maior impacto da subjetividade social de sua família no desenvolvimento de seus hábitos de consumo endividamento, configurados nas experiências de incapacidade e sofrimento associadas à dificuldade de controle de suas finanças.

Ana reconhece a importância de se autorregular quando assume que “certas coisas só a gente mesmo pode fazer”, assumindo papel de sujeito ativo da sua própria circunstância e rompendo com uma narrativa de vitimização ao se ver como alguém que constrói suas próprias estratégias de controle financeiro e identifica quais são suas necessidades, elaborando prioridades econômicas correspondentes com a sua condição.

Por último, já nos instantes finais do nosso encontro, pergunto se podemos fazer um exercício, no qual ela voltaria no tempo e se encontraria no início da sua “entrada” ao mundo financeiro enquanto profissional autônoma, pensando em quais conselhos financeiros ela mesma se daria e o que ela mesma gostaria de dizer para si. Ana aceitou o exercício, mencionando ser uma atividade inédita em sua vida, uma vez que não se recordava de em ocasiões anteriores ter sido a sua “própria referência” de conselhos financeiros:

Ana: Haja pela mente, como o meu pai, nunca pelo coração, como a minha mãe.

Pesquisadora: Por quê?

Ana: Porque as emoções são as que mais nos desfavorecem. A gente vai pela satisfação e se prejudica assim, acaba não pensando tanto. Então, eu acho que diria para ela, respira antes de fazer qualquer dívida financeira, pensa se você pode gastar, se aquilo vai realmente te satisfazer. Gaste onde realmente convém.

Pesquisadora: E se agora você fosse para o futuro, o que gostaria de dizer para a Ana que vai encontrar lá?

Ana: Foi bom você ter respirado, ter se contido. Hoje você está na vida que você deseja.

No complemento de frases, também aparece:

No futuro espero: Lidar com as questões financeiras de forma menos sofrida.

Nota-se a presença de representações de gênero dominantes, onde a figura masculina emerge guiada pela mente, controlada e associado ao aspecto racional, em contrapartida da uma figura feminina guiada pelo coração, emocionada e em busca da satisfação. Essa questão novamente fortalece os indicadores anteriores, expressados na constituição das configurações subjetivas presentes em seu contexto familiar, onde essa figura masculina está interligada ao seu pai e essa figura feminina

está interligada a sua mãe, ficando Ana na síntese de ambos e em constante conflito entre qual “caminho” seguir e o sofrimento inerente a este processo.

Adiante, proponho um novo exercício ao sugerir que Ana “mude de lugar” e dê conselhos financeiros para a sua família, vivendo essa condição de ser alguém capaz de opinar e gerar modificações em seu próprio contexto, uma vez que durante o processo de pesquisa, houve uma significativa ausência de relatos onde esse lugar foi reconhecido, indicando uma relação de submissão aos sentidos socialmente reproduzidos nessa dinâmica social, onde se via dependente desses conselhos e não como parte a integrá-los:

Pesquisadora: Se você pudesse dar um conselho financeiro para cada pessoa da sua família, qual seria?

Ana: Vô, não passe a mão na cabeça dos seus filhos.

Pesquisadora: E se pudesse dar um recado financeiro para a sua mãe?

Ana: Mãe, seja mais responsável com os seus gastos.

Pesquisadora: Um recado financeiro para o seu pai?

Ana: Não faça as vontades de todo mundo.

Pesquisadora: Um recado financeiro para a sua irmã?

Ana: Tente ser diferente deles.

Em um segundo momento, também proponho que Ana elabore um conselho financeiro que possa se estender para o âmbito coletivo:

Ana: Procure alguém que ajude a refletir sobre isso tudo que a gente conversou, porque sozinho é muito difícil, ainda mais que a gente não gosta muito de falar sobre dinheiro. Talvez se a gente falasse mais, não tinha tanto problema assim. Eu, por exemplo, tenho 47 anos de idade, uns 26 de formada. Morei com meus pais até meus 29 anos e nessa história toda, só faz uns 16, 17 anos que aprendi certas coisas na marra e passei por muito sufoco porque são coisas que a gente não aprende. Ou até aprende, como é o meu caso, aprendi com a minha família muitas coisas, mas não foi muito

bom para mim. **Para você ver, tem coisas que a gente conversou que eu nunca tinha parado para pensar ou me dar conta e olha a minha idade. É até estranho imaginar isso. Porque é uma situação que eu sofro e acho que tem outras pessoas que sofrem também.**

Pesquisadora: Você diz sofrer por não conseguir lidar com as finanças de uma forma mais saudável?

Ana: Sim, eu falo que eu não tinha tanta percepção de que o **meio** pode mexer tanto assim com a gente. **Acho que planejar também pode significar ser livre de certas prisões.** Como eu falei, *a vida pede organização e prudência.*

Pesquisadora: Quando você diz prisões, ao que você se refere?

Ana: **A prisão de ser cópia.** Acho que entender melhor tudo isso que a gente conversou me faz ver que tem muito mais coisas envolvidas nisso do que eu imaginava. **Tem muitas coisas que eu tenho evitado, com medo de isso me fazer gastar mais** com base nas coisas que já vi acontecer na minha vida. **Coisas como ver meus pais, sair com meus amigos, viajar... até para fazer uma atividade diferente eu penso: melhor não, vou gastar muito. Mas aí eu fico só no trabalho e ansiosa com isso e acabo comprando demais. Talvez não precise ser assim.**

Pesquisadora: E o que você acha que seria possível fazer para retomar algumas dessas atividades?

Ana: Eu não sei exatamente, não tinha pensado nisso antes, **mas acho que é possível fazer coisas que eu não precise exagerar (risos).**

Ao propor essa extensão coletiva do exercício, Ana responde à atividade evidenciando a dificuldade sentida diante do curso de elaborar sozinha as questões discutidas ao longo dos nossos encontros, ressaltando a ação de “procurar alguém para ajudar a refletir sobre tudo isso” como sendo o seu conselho financeiro coletivo, uma vez que algumas discussões ocorridas nesse espaço deram condição para o surgimento de novos sentidos subjetivos que aprofundaram conhecimentos sobre sua própria experiência, então presentes na fala “tem coisas que a gente conversou que eu nunca tinha parado para pensar”. Ainda que a sua experiência de consumo

excessivo e endividamento seja recorrentemente atravessada por situações de sofrimento, poucos foram os espaços onde teve oportunidade para falar abertamente sobre o assunto, e estendendo essa compreensão para o âmbito coletivo, Ana relata acreditar que existem “outras pessoas” que também sofrem com isso, e assim como ela, não tiveram esse lugar de expressão.

Novamente, o processo de comunicação transcorrido no próprio cenário de pesquisa é evocado como um universo que suscita e estimula maiores reflexões, favorecendo possibilidades do sujeito que participa desse processo desbravar novos caminhos de elaboração e desenvolvimento de alternativas frente a configuração subjetiva que está no cerne do seu sofrimento, o que se vê ao longo da própria narrativa de Ana, que descreve em diversas ocasiões a produção dominante de sentidos subjetivos associados à sua vivência de descontrole financeiro, vinculada à subjetividade social de sua família, mas que enquanto sujeito ativo de sua realidade, consegue encontrar meios de subverter essa lógica dominante e fortalecer novos processos singulares de subjetivação que a colocam em condição de romper e se diferenciar dos padrões familiares que acredita repetir, saindo da “prisão de ser cópia”.

Ao expor quais recursos é capaz de criar para constituir maior organização e controle financeiro, Ana é conduzida a mudar sua forma de pensar, tendo a si mesma como referência, distanciando-se, portanto, de uma condição passiva, vivida nas ocasiões em que recorre à figura de seu pai como sendo aquele que detém o conhecimento e as ferramentas para resolver os seus problemas financeiros, uma vez que o se tornar sujeito significa expressar na ação configurações subjetivas singulares, tomar decisões e assumir a responsabilidade individual pela ação (Gonzalez-Rey, 2006b). Ana também relata os impactos de uma configuração de sociedade que pouco incentiva a discussão de temas relacionados à educação

financeira, quando expressa “ainda mais que a gente não gosta muito de falar sobre dinheiro”, sendo essa questão pouco debatida e explorada enquanto uma carência de saberes que pode ir se constituindo enquanto um estado gerador de sofrimento.

Ana igualmente traz à tona uma situação vista em diversos momentos da pesquisa, que é o fato de reduzir o contato com sua vida social ou investir em “atividades diferentes” por enxergar essas áreas como sendo possíveis fontes recorrentes de gastos, tendo por base suas experiências anteriores. No entanto, essa evitação por medo de contrair novas dívidas conduz a um maior investimento no seu campo profissional, espaço onde se sente “ansiosa”, devido aspectos já mencionados acima, questão essa refletida no aumento do seu comportamento de compra.

Quando diz que “talvez não precise ser assim”, Ana se reposiciona e apresenta uma modesta possibilidade de criar situações favoráveis ao desenvolvimento de novos espaços de subjetivação, com capacidade geradora de motivação para atividades nas quais também possa se sentir feliz e disponível para integrar sua satisfação pessoal às diversas áreas de sua vida, não isolando essa questão apenas à sua atividade de trabalho e superando possíveis medos criados devido situações já vivenciadas em momentos distintos à sua realidade atual.

6. Considerações Finais

A partir da análise das informações desenvolvidas ao longo do presente estudo, foi possível assimilar a importância da legitimidade da singularidade como um recurso genuíno para a criação do modelo teórico vigente, pois com base no estudo da dinâmica conversacional e do instrumento de complemento de frases, padrões de pesquisa que buscam fragmentar resultados foram transpostos, contribuindo para a constituição de uma visão integral dos fenômenos apreendidos no cenário de pesquisa.

Nesse sentido, a Teoria da Subjetividade e a Metodologia Construtivo-Interpretativa, abrem espaço para a construção de saberes no campo do consumo e do endividamento, aprofundando a discussão sobre esses aspectos ao transcender modelos dicotômicos, pois a partir da compreensão dos múltiplos e recursivos sentidos e configurações subjetivas emergentes dessa dinâmica, rompe-se com explicações que limitam uma compreensão estendida sobre as inter-relações que compõem as experiências humanas em seus mais variados componentes subjetivos individuais e sociais.

A criação desse espaço de reflexão crítica sobre os aspectos que envolvem o universo das finanças expôs, conseqüentemente, a ausência de maiores discussões aprofundadas sobre a temática, muitas vezes colapsadas pela tentativa dominante de se enxergar esse aspecto apenas por um ponto de vista técnico, anulando a sua dimensão subjetiva.

Ao superar o viés tradicional de neutralidade em pesquisa, criou-se a condição necessária para destacar a complexidade das questões abordadas sobre o assunto. A compreensão dos processos de subjetivação que se desdobram nas experiências de consumo e endividamento são, portanto, atravessadas por diversos aspectos histórico-culturais, associados ao processo natural de desenvolvimento humano, que ganham contornos únicos a partir de cada experiência.

Logo, a criação de um espaço onde essas particularidades podem se manifestar é fundamental para dissociar-se de uma concepção generalizante, uma vez que qualquer

tentativa de redução da experiência dos sujeitos, enquanto seres ativos frente a construção de novos caminhos no curso de suas histórias de vida, eventualmente contribui para o surgimento do sofrimento diante um contexto limitante de aperfeiçoamento e autonomia.

Assim, o objetivo central da pesquisa, voltado para compreender processos da subjetividade social relacionados ao consumo e ao endividamento na experiência de uma profissional autônoma, possibilitou identificar diferentes configurações subjetivas que se expressam diante do consumo e do endividamento, além de discutir e explorar de que maneira a relação entre o consumo e o endividamento está interligada a aspectos da subjetividade social na experiência da participante em questão, viabilizando, portanto, as reflexões e construções acima referenciadas.

Referências Bibliográficas

- Agência Brasil (2023). *Maioria dos endividados brasileiros em 2022 era mulher e jovem*. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2023-01/maioria-dos-endividados-brasileiros-em-2022-era-mulher-e-jovem>
- Akatu (2018). *Panorama do Consumo Consciente no Brasil: desafios, barreiras e motivações*. <https://akatu.org.br/pesquisas-e-publicacoes/>
- Anderloni, L., & Vandone D. (2010). Risk Tolerance in Financial Decision Making. Lucarelli & G. Brighetti. (Orgs). In *Risk of Overindebtedness and Behavioural Factors*. pp. 1-19, (1ª ed.). Londres: PalgraveMacMillan. https://www.researchgate.net/publication/46466330_Risk_of_over-indebtedness_and_behavioural_factors
- Ariely, D. (2008). *Predictably Irrational*. (1ª ed.). New York: Harper Collins.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. (1ª ed.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Z. (2008). *Vida de consumo: A transformação das pessoas em mercadoria*. (1ª ed.) Rio de Janeiro: Zahar.
- Becker, G. S. (1976). *The economic approach to human behavior*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Bragaglia, P. A. (2010). Comportamentos de consumo na contemporaneidade. *Comunicação, Mídia e Consumo*, 7(19), pp. 107-124. <http://dx.doi.org/10.18568/cmc.v7i19.197>
- Campbell, C. (1995). O consumidor artesão: cultura, artesanaria e consumo em uma sociedade pós-moderna. In: *Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência Política*, (1). Niterói: EdUFF.
- Campbell, C. (2007). Eu compro, logo sei que existo: as bases metafísicas do consumo moderno. Barbosa, L. & Campbell, C. (Orgs). *Consumo, cultura e identidade*. (1ª ed.). Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo – CNC (2021). *Um retrato recente do endividamento dos consumidores: o que ele expõe?*. https://portal-bucket.azureedge.net/wp-content/2021/08/Analise-Peic-Agosto-de-2021_especial.pdf
- FECOMERCIO-SP. (2014). *Radiografia do crédito e do endividamento das famílias nas capitais brasileiras: comparações 2011 - 2013*. <https://fecomercio-es.com.br/assetmanager/assets/Radiografia%20do%20Endividamento%20das%20Fam%C3%ADlias%20-%202014.pdf>
- FECOMERCIO-SP. (2016). *Radiografia do crédito e do endividamento das famílias nas capitais brasileiras: comparações 2013 - 2015*. https://www.fecomercio.com.br/public/upload/file/2017/01/30/radiografia_do_endividamento_das_fam_lia_s_envio.pdf

- Ferreira, E. J. V. L. (2016). *Sobre-endividamento e Estatuto Social Percecionado*. Dissertação de Mestrado. Instituto Politécnico do Porto, Porto, Portugal.
- Ferreira, M. J. & Nogueira, S. E. E. (2013). Mulheres e suas histórias: razão, sensibilidade e subjetividade no empreendedorismo feminino. *Revista de Administração Contemporânea*, 17(4), pp. 398-417. <https://doi.org/10.1590/S1415-65552013000400002>
- González Rey, F. (1995). *Comunicación, personalidad y desarrollo*. (1ª ed.). Ciudad de La Habana, Cuba: Editorial Pueblo y Educación.
- González Rey, F. (1996). *Problemas epistemológicos de la psicología*. (1ª ed.). Habana: Editorial Academia.
- González Rey, F. (2001). *Pesquisa Qualitativa em Psicologia: Caminhos e Desafios*. (1ª ed.). São Paulo: Cengage Learning.
- González Rey, F. (2003a). *Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. (1ª ed.). São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- González Rey, F. (2003b). *Epistemología Cualitativa y Subjetividad*. (1ª ed.). São Paulo: EDUC.
- González Rey, F. (2004a). *O social na psicologia e a psicologia social: a emergência do sujeito*. (3ª ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- González Rey, F. L. (2004b). *Personalidade, saúde e modo de vida*. São Paulo: (1ª ed.). São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- González Rey, F. (2005). O valor heurístico da subjetividade na investigação psicológica. González Rey, F. (Org.). In *Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologia*. pp. 27-51, (1ª ed.). São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- González Rey, F. (2006a). *Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da informação*. (1ª ed.). São Paulo: Cengage Learning.
- González Rey, F. (2006b). *Psicoterapia, subjetividade e pós-modernidade: uma aproximação histórico-cultural*. (1ª ed.). São Paulo: Cengage Learning.
- González Rey, F. (2007). As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural. *Psicologia da Educação*, (24), pp. 155-179. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752007000100011&lng=pt&tlng=pt.
- González Rey, F. (2014a). Human Motivation in Question: Discussing Emotions, Motives, and Subjectivity from a Cultural-Historical Standpoint. *Journal for the Theory of Social Behaviour*. https://www.fernandogonzalezrey.com/images/PDFs/producao_bi

[blio/fernando/artigos/teoria da subjetividade/Gonzalez-Rey-Human-Motivation-in-Question.pdf](#)

- González Rey, F. & Mitjáns-Martínez, A. (2017). *Subjetividade: teoria, epistemologia e método*. (1ª ed.). Campinas: Alínea.
- González Rey, F. & Patiño, J. F. (2017). A epistemología cualitativa e o estudio de la subjetividad em uma perspectiva cultural-histórica. Conversación com Fernando González Rey. *Revista de Estudos Sociais*, (60), pp. 120-127. <https://doi.org/10.7440/res60.2017.10>
- González Rey, F. (2019). A Epistemologia Qualitativa vinte anos depois. In Mitjáns-Martínez, A., González Rey, F. & Puentes, R. V. (Orgs.). *Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade: Discussões sobre Educação e Saúde*, pp. 30-31. (1ª ed.). Minas Gerais: Edufu. http://www.edufu.ufu.br/sites/edufu.ufu.br/files/ebook_epistemologia_qualitativa_2019.pdf
- Kahneman, D., & Tversky, A. (1979). Prospect theory: An analysis of decision under risk. *Econometrica*, 47(2), pp. 263-291.
- Marques, C. L. (2006). Direitos do consumidor endividado: superendividamento e crédito. In Marques, C. L. & Cavallazzi, R. L. (Orgs.). *O perfil do superendividado: referências no Brasil*. p. 256. (1ª ed.) São Paulo: Revista dos Tribunais.
- Mitjáns-Martínez, A. (2014). Um dos Desafios da Epistemologia Qualitativa: a criatividade do pesquisador. In Mitjáns-Martínez, Neubern & Mori (Orgs.). *Subjetividade Contemporânea: discussões epistemológicas e metodológicas*. pp. 61-86. (1ª ed.). Campinas: Alínea.
- Mitjáns-Martínez, Neubern & Mori (Orgs.). (2014). *Subjetividade Contemporânea: discussões epistemológicas e metodológicas*. (1ª ed.). Campinas: Alínea.
- Moran, T. S. (2011). *Endividamento de consumidores no Brasil: a construção social da normatização*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Monte Carlos, Minas Gerais, MG, Brasil.
- Mori, D. V. & González Rey, F. (2011). Reflexões sobre o social e o individual na experiência do câncer. *Psicologia & Sociedade*, 23(spe), pp. 99-108. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000400013>
- Rossato, M. & Mitjáns-Martínez, A. (2013). Desenvolvimento da subjetividade: análise de histórias de superação das dificuldades de aprendizagem. *Psicologia Escolar e Educacional*, 17(2), pp. 289-298. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572013000200011>
- Samson, A. (2015). Introdução à economia comportamental e experimental. In Flávia A. & Bianchi, A. M. *Guia de economia comportamental e experimental*. pp. 26-36. (1ª ed.). São Paulo: EconomiaComportamental.org. Disponível em: <http://www.economiacomportamental.org/guia-economia-comportamental.pdf>

- Silva, M. B. O., & Flain, V. S. (2017). Capitalismo e Consumismo: Os desafios do consumo sustentável na sociedade contemporânea. *Revista da AJURIS*, 44(143), pp. 357-378.
- Silva, T. A. K. & Capelle, A. C. M. (2013). *A Teoria da Subjetividade e a Epistemologia Qualitativa de Gonzalez Rey como Possibilidade Teórico-Metodológica nos Estudos de Administração*. Artigo apresentado no IV Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade – ANPAD, Brasília/DF. <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EnEPQ67.pdf>
- Silveira, Z. R. & Palassi, P. M. (2011). A vida na fazenda: sentidos subjetivos do servidor fazendário ante a participação no trabalho. *Revista de Administração Mackenzie*, 12(6), pp. 192-223. <https://doi.org/10.1590/S1678-69712011000600009>
- Souza, C. E. & Torres, P. F. J. (2019). A Teoria da Subjetividade e seus conceitos centrais. *Obutchénie: Revista de Didática e Psicologia Pedagógica*, 3(1), pp. 34-57. <https://doi.org/10.14393/OBv3n1.a2019-50574>
- Thaler, R. H., & Sunstein, C. (2008). *Nudge: Improving decisions about health, wealth, and happiness*. (1ª ed.). New Haven, CT: Yale University Press.
- Vervloet, P. M. A. & Palassi, P. M. (2011). Eleições, mesários e subjetividade: reflexões sobre a produção de sentidos subjetivos a partir da participação voluntária no processo de votação. *Psicologia & Sociedade*, 23(2), pp. 312-324. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000200012>
- Word Watch Institute (WWI) (2010). *State of the word: Transforming Cultures From Consumerism to Sustainability*. <https://br1lib.org/book/2531260/a90815?id=2531260&secret=a90815&dsourc e=recommend>

APÊNDICES

Apêndice A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Nome da pesquisa: Processos da subjetividade social brasileira relacionados ao consumo e ao endividamento: um olhar contemporâneo sob a experiência de uma profissional autônoma.

Pesquisadora: Elaine Almeida Figueira

Orientador: Profa. Dra. Valéria Deusdará Mori

Prezada Sra.,

Solicitamos a sua autorização para participar da pesquisa sobre *Processos da subjetividade social brasileira relacionados ao consumo e ao endividamento: um olhar contemporâneo*, que faz parte do Programa de Mestrado em Psicologia do Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento (ICPD) do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, sob a orientação da professora Valéria Deusdará Mori.

Essa pesquisa tem como objetivo compreender processos da subjetividade social brasileira relacionados ao consumo e ao endividamento na experiência de uma profissional autônoma.

Informamos que a pesquisa envolve riscos, uma vez que os temas discutidos durante os encontros podem propiciar o resgate ou a verbalização de questões emocionais sensíveis. Nessas ocasiões, a pesquisadora se colocará disponível para fornecer o acolhimento necessário a participante.

Esclarecemos que a sua participação é totalmente voluntária, podendo você se recusar a autorizar tal participação, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa.

Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa, e serão tratadas como mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

Com essa pesquisa, esperamos propiciar novas formas de repensar sua relação com o consumo, possibilitando assim, um cenário favorável a mudanças no modo de compreender e agir frente ao fenômeno do consumo e do endividamento.

Caso você tenha mais dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos, pode nos contatar no telefone (61) 99377-8883 ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa do UniCEUB, no telefone (61) 3966-1474 – SEPN 707/907, Campus do UniCEUB.

Este termo será preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada e entregue a você.

Desde já agradeço a sua colaboração.

Atenciosamente,

Pesquisadora Responsável.

Eu, _____, declaro que fui devidamente esclarecida sobre minha participação VOLUNTÁRIA na pesquisa orientada pela professora Valéria Deusdará Mori.

Brasília/DF, _____ de _____ de _____

Assinatura da Participante

Valéria Deusdará Mori – Orientadora da Pesquisa

Elaine Almeida Figueira
elainefigueira7@gmail.com
Pesquisadora Responsável

APÊNDICES

Apêndice B – COMPLEMENTO DE FRASES

1. Eu sou: Despreocupada.
2. O dinheiro é: Para gastar.
3. O trabalho requer: Atenção e perícia.
4. Eu sou uma profissional autônoma pois: Não gosto de ter chefe.
5. O mercado econômico exige: Um bom profissional para te ajudar.
6. As dívidas são: Como vírus, aparecem em todo lugar.
7. O controle implica em: Ter menos felicidade.
8. Comprar me faz: Ser a pessoa mais feliz naquele momento.
9. Minha família é: Dona da verdade.
10. Meu pai representa: O esteio da família e pagador das contas.
11. Minha mãe representa: O general e gastadora do dinheiro.
12. Sei que: Sou desorganizada com dinheiro e preciso aprender a me controlar.
13. Tenho vontade de: Ser rica, com dinheiro infinito para gastar.
14. Uma dificuldade: Parar de comprar por impulso.
15. Um objetivo: Parar de comprar por impulso.
16. Ter estrutura é: Ser independente.
17. O excesso pode: Levar ao adoecimento, dor, sofrimento, dívidas.
18. O que me faz feliz: Comprar sem pensar que o boleto do cartão de crédito vai chegar.
19. No passado aprendi: Que sou igual minha mãe e sempre espero alguém vir me salvar com as contas.
20. No futuro espero: Lidar com as questões financeiras de forma menos sofrida.
21. Um medo: Ter dívidas que não possa pagar.
22. Tenho coragem para: Gastar sem pensar nas consequências (risos).
23. Sonho um dia poder: Ter sempre dinheiro sobrando na minha conta.
24. As mudanças são: Necessárias, principalmente em relação à forma como lido com o dinheiro, mas são muito difíceis para mim.
25. A liberdade significa: Não sei, mas imagino que seja ter condições de poder escolher o que você quer viver.
26. Às vezes repetimos porque: É difícil mudar.

27. Pedir ajuda é: Difícil, mas muitas vezes a única salvação.

28. A vida pede: Organização e prudência.

ANEXOS**Anexo A – TESTE DE CONSUMO CONSICENTE (TCC) – AKATU (2018)**

Faz isso em sua rotina?

- 1) Lê atentamente os rótulos antes de comprar um produto?
 Sempre
 Às vezes
 Raramente ou Nunca

- 2) Pede nota fiscal (cupom fiscal) quando vai às compras, mesmo que o fornecedor não a ofereça espontaneamente?
 Sempre
 Às vezes
 Raramente ou Nunca

- 3) Separa o lixo de casa para reciclagem, mesmo não havendo coleta coletiva?
 Sempre
 Às vezes
 Raramente ou Nunca

- 4) Quando possível, usa também o verso das folhas de papel?
 Sempre
 Às vezes
 Raramente ou Nunca

- 5) Fecha a torneira enquanto escova os dentes?
 Sempre
 Às vezes
 Raramente ou Nunca

- 6) Espera os alimentos esfriarem antes de guardar na geladeira?
 Sempre
 Às vezes
 Raramente ou Nunca

- 7) Evita deixar lâmpadas acessas em ambientes desocupados?
 Sempre

- Às vezes
- Raramente ou Nunca

8) Desliga aparelhos eletrônicos quando não está usando?

- Sempre
- Às vezes
- Raramente ou Nunca

9) Passa ao maior número possível de pessoas as informações que aprende sobre empresas e produtos

- Sempre
- Às vezes
- Raramente ou Nunca

10) Planeja as compras de alimentos?

- Sempre
- Às vezes
- Raramente ou Nunca

11) Planeja as compras de roupas?

- Sempre
- Às vezes
- Raramente ou Nunca

Comrou nos últimos 6 meses?

12) Produtos feitos com material reciclado?

- Sempre
- Às vezes
- Raramente ou Nunca

13) Produtos orgânicos?

- Sempre
- Às vezes
- Raramente ou Nunca